



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA

A EXPERIÊNCIA DO DUPLO ESPECULAR NAS PSICOSES

JULIANA RIBEIRO MARTINS

Rio de Janeiro

2017

A EXPERIÊNCIA DO DUPLO ESPECULAR NAS PSICOSES

Juliana Ribeiro Martins

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Martello

Rio de Janeiro

2017

A EXPERIÊNCIA DO DUPLO ESPECULAR NAS PSICOSES

SEGUNDO FREUD E LACAN

Juliana Ribeiro Martins

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

APROVADO PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Andréa Martello (UFRJ) – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Angélica Bastos de Freitas (UFRJ)

Prof. Dr. Vinicius Darriba (UERJ)

Rio de Janeiro

Fevereiro - 2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Martins, Juliana Ribeiro

A experiência do duplo especular nas psicoses / Juliana Ribeiro Martins.

Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2017.

84 páginas

Orientadora: Andréa Martello

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2017.

1. teoria da clínica 2. psicose 3. duplo. 4. pré-psicose. I. Dissertação de mestrado. Martello, Andréa, orient. II. Título

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria das Graças Lemos Ribeiro, por acreditar em mim e me ensinar o valor de ajudar o próximo.

À Andréa Martello, por me escolher como sua primeira orientanda, e pelas incontáveis lições ao longo desses dois anos.

Aos meus fiéis amigos e ao Leandro, por me darem força e fazerem os momentos de confusão e cansaço serem ultrapassados e transformados em riso.

Aos meus analisandos, por me possibilitarem aprender com suas palavras e experiências.

RESUMO

Esta dissertação investiga o tema do duplo e como ele aparece na clínica e na teoria psicanalítica, em particular nas obras de Freud, Lacan e seus comentadores. Segundo a teoria freudiana, pensa-se o duplo a partir da constituição do ego no narcisismo, onde se faz presente a marca das identificações que são feitas ao longo do desenvolvimento. É observada a articulação da experiência do duplo com a função da instância do ideal do ego e do superego, e também com o fenômeno da projeção. A partir da teoria lacaniana, é investigado o estágio do espelho e a constituição do ego como parte do campo do imaginário. Em busca de melhor circunscrever a questão do duplo especificamente na estrutura da psicose, é feita uma passagem pela teoria do complexo de Édipo, visando esclarecer como se originaria a psicose para Freud e para Lacan, esclarecendo também as características do campo do simbólico e da lógica do significante na teoria lacaniana. É estudado o tema da regressão tópica ao imaginário e como o duplo adquire um caráter mais invasivo e persecutório nos casos em que ela ocorre. Ao final da dissertação, visando ilustrar o tema do duplo a partir da clínica, são expostos três estudos de caso: um que trata do que Lacan consideraria uma “pré-psicose” – outros autores, uma personalidade “como se”; e dois casos de psicoses desencadeadas – onde a eclosão do surto provoca a multiplicação dos duplos transformados em perseguidores

PALAVRAS CHAVE: duplo; psicose; pré-psicose; estudos de caso

RÉSUMÉ

Cet étude examine le sujet du double et comment il apparaît dans la clinique et dans la théorie psychanalytique, en particulière chez Freud, Lacan et ses commentateurs. Depuis la théorie freudienne, on pense le double à partir de la constitution du moi chez le narcissisme, où il se fait présent la marque des identifications qui sont faites lors du développement. On observe l’articulation de l’expérience du double avec la fonction de l’instance de l’idéal du moi et du surmoi, et aussi avec le phénomène de la projection. A partir de la théorie lacanienne, on étudie le stade du miroir et la constitution du moi comme partie de l’imaginaire. Dans le dessein de mieux cerner la question du double spécifiquement dans la structure de la psychose, on fait un détour par la théorie œdipienne à fin de clarifier comment la psychose se serait originée pour Freud et pour Lacan, et éclaircir les caractéristiques du symbolique et de la logique du signifiant dans la théorie lacanienne. On touche aussi le thème de la régression topique à l’imaginaire et comment le double obtient un attribut plus invasif et persécuteur dans les cas où elle est présente. Au bout de la dissertation, pour illustrer le thème du double dans la clinique, on présente trois études de cas : un à ce que Lacan aurait considéré comme une “pré-psychose” – selon d’autres auteurs, une personnalité “comme si”; et deux cas de psychoses déchaînées – où l’épanouissement de la crise psychotique provoque la multiplication des doubles transformés en persécuteurs.

Mots-clés: double; psychose; prépsychose; étude de cas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I. O TEMA DO DUPLO PARA A PSICANÁLISE	5
I.I. RANK, FREUD: O duplo, o narcisismo e o estranho	6
I.II. LACAN: O duplo, o estádio do espelho e o imaginário	15
I.III. Alterações no plano especular	20
PARTE II. A ESTRUTURA PSICÓTICA	25
II.I. O complexo de Édipo	26
II.II. A forclusão do Nome do Pai	32
PARTE III. A PRÉ-PSICOSE E O DESENCADEAMENTO	37
III.I. A regressão tópica ao imaginário	38
III.II. Distinções entre o duplo na pré-psicose e após o desencadeamento	41
III.III. O duplo e o estranho	49
PARTE IV. ESTUDOS DE CASO	56
IV.I. Caso E.: psicose não desencadeada em um tratamento psicanalítico	57
IV.II. Caso Aimée: psicose desencadeada e duplos perseguidores	63
IV.III. Caso Irmãs Papin: psicose desencadeada, delírio a dois e duplos perseguidores	71
V. Considerações finais	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

INTRODUÇÃO:

Diferentemente da neurose, que foi amplamente abordada por Freud e na qual de fato se pode pensar numa cura, a psicose ainda hoje produz enigmas ao campo da psicanálise. O próprio autor se viu obrigado a reformular sua abordagem do problema ao longo dos anos, e isso prova o grau de complexidade que via em seu estudo, mas diante do qual certamente não recuou.

Com o passar dos anos, especialmente com as extensas contribuições de Jacques Lacan, já se passa a compreendê-la sob um novo prisma, sem dúvida inaugurado pelas obras de Freud. Estudando com atenção as obras dos dois autores, vemos que o estudo do inconsciente e da linguagem expandem este campo investigativo de tal maneira que seria impossível abordá-lo nesta dissertação em sua totalidade.

Por isso, demarcamos como ponto de partida a investigação de um caso clínico (exposto na parte 4), no qual se identificou uma psicose ainda não desencadeada. Ao longo de dois anos acompanhando esse quadro clínico, se fez notar uma certa dificuldade no que diz respeito ao diagnóstico, visto que o paciente não apresentava distúrbios de linguagem e em seu discurso não se percebeu nenhum conteúdo que se aproximasse de um delírio propriamente dito. Ele se mantinha estável por uma espécie de espelhamento que mantinha com certas pessoas de seu convívio. O que se pôde observar, no que diz respeito ao manejo de seu tratamento, foi justamente que, pelo fato do paciente buscar essa estabilidade pela via identificatória, a posição da analista parecia ser posta constantemente em questão.

Assim, adotamos como objeto de estudo a questão do duplo, por ela ser também um ponto importante para pensarmos o início das formulações de Lacan sobre a constituição do eu e do sujeito, e por servir como uma ferramenta para compreendermos o que Lacan pôde construir em seu “retorno à Freud” com a proposição da existência dos registros do imaginário, do simbólico e do real.

Esses conceitos são norteadores muito importantes dentro da clínica psicanalítica no sentido de fornecerem chaves para a escuta do discurso do sujeito e, assim, localizar o direcionamento de seu tratamento. O discurso do psicótico já demonstra conter um saber sobre a sua elucidação, e a partir da escuta de Freud e Lacan e de sua sensibilidade à

linguagem que a pesquisa sobre este campo pôde florescer seguindo caminhos distintos daqueles tomados até então pela medicina e pela filosofia. Passando a compreender os fenômenos da psicose como uma tentativa de cura, para ambos autores (1955-56/1988. P.238) é fundamental que se aceite o testemunho do alienado para que este nos sirva como auxílio, metodologicamente, para analisarmos o conjunto das relações do sujeito com a linguagem.

É necessário apontar que a questão do duplo não concerne apenas a estrutura psicótica, pois diz respeito a algo constituinte de todo e qualquer sujeito. Para se constituir o eu, o corpo e a relação de objeto se faz necessária a passagem pelo registro imaginário, onde se originam os primeiros duplos da experiência humana. Lacan inclusive infere que o eu possui uma natureza essencialmente paranóica devido à tensão imaginária presente neste registro.

Veremos que a vivência do duplo apenas toma formas distintas na psicose, onde este pode vir a se tornar o único modo de manifestação da alteridade e pode adquirir características mais persecutórias e, por vezes, aterradoras para estes sujeitos. Porém, em uma parte dos casos de psicose ainda não desencadeada, podemos perceber como a via imaginária passa a ser eleita como principal via de compensação na relação com a alteridade e o mundo externo, e isso pode mantê-los estabilizados antes do desencadeamento ou ao longo de toda sua vida.

Deste modo, busca-se nessa investigação encontrar os referenciais teóricos e clínicos em Freud e Lacan que se refiram a este particular modo de estabilização – tanto em casos de psicose não desencadeadas quanto desencadeadas. Não serão abordadas as duas como se se tratassem de estruturas diferentes, apenas a separamos por apresentarem diferentes aspectos no que se refere ao encontro com o duplo.

Assim, optamos por dividir este trabalho em quatro partes. Na primeira introduziremos o conceito do duplo e verificaremos os estudos mais antigos de Rank e Freud sobre o tema. Apesar de Freud não abordar especificamente casos clínicos onde o duplo comparece, pode-se perceber que seu conceito de narcisismo foi a principal via de referência para Lacan tecer suas primeiras contribuições a respeito do tema. Ambos os autores irão articulá-lo à teoria do ego, à teoria da libido e à teoria da angústia. A partir de Freud também achamos importante fazer uma passagem por sua teoria sobre a identificação, visto ser um tópico rico em referências sobre a construção das instâncias

do ego, ego ideal, ideal do ego e superego. Além disso, no texto de Freud de 1919 intitulado *O estranho* temos uma base fundamental para compreender as futuras articulações propostas por Lacan no estudo da agressividade, da angústia e na construção de conceitos fundamentais para o estudo do duplo nas psicoses, como o de objeto *a*.

Com isso, nesse primeiro capítulo também abordaremos a teoria de Lacan sobre a constituição do eu no estágio do espelho – inspirado na teoria do narcisismo de Freud – e algumas alterações que ele mesmo acrescentou à sua teoria mais adiante. Essa etapa do nosso trabalho visa mapear o que Lacan concebeu como o registro do imaginário, sabendo que este será usado mais adiante para a compreensão do funcionamento psíquico nas psicoses.

No segundo capítulo acompanharemos as teorizações sobre a psicose cronologicamente desde Freud, e em seguida, nos focaremos nas contribuições trazidas por Lacan ao longo de suas publicações. Investigaremos o que caracteriza uma estrutura psicótica, como se faz a entrada no plano simbólico e como é explicada por Lacan a diferença entre a estrutura neurótica e a estrutura psicótica. Entendemos, então, como a partir da teoria de Freud sobre o complexo de Édipo, Lacan criou o conceito de foraclusão do Nome do Pai, importante norteador de seu primeiro ensino sobre a psicose (período este que a presente pesquisa abordou). Neste capítulo observamos a questão dos duplos conforme pensada em decorrência de uma sujeição à lei materna, que pode servir como modelo para a formação da experiência psicótica com um duplo perseguidor.

No terceiro capítulo, optou-se por examinar as diferenças entre um funcionamento pré-psicótico e após o desencadeamento. Para isso, investiga-se o conceito de regressão tópica ao imaginário, visando evidenciar o que é típico surgir no discurso e na experiência do psicótico antes e após um surto. Vemos que o duplo pode ser compreendido como um modo de compensação imaginário capaz, em alguns casos, de manter a estrutura psicótica livre de surtos, e como esta pode ser desestabilizada quando do encontro com o que Lacan compreende como apelo ao Nome do Pai. Assim, esse capítulo visa distinguir quais são os traços que tornam possível identificar em que estágio se encontra uma psicose, dadas as dificuldades de diagnosticá-la em seus estágios anteriores ao desencadeamento.

Por fim, no quarto capítulo serão expostos três casos, tendo em vista ilustrar as diferenças da aparição dos duplos nos casos de psicose não desencadeada e de psicose desencadeada. No primeiro caso, que inspirou a produção desta dissertação, veremos um

jovem em tratamento psicanalítico que se mantém estável através do mecanismo de compensação imaginária. No segundo, investigaremos o caso Aimée, famoso por ter sido exposto na tese de doutorado de Lacan e onde se observa um caso de paranoia de uma paciente eminentemente orientada aos seus duplos ao longo de sua vida, e como estes facilmente se tornam perseguidores na etapa de construção de seu delírio. E, finalmente, no terceiro caso, veremos como surge a questão dos duplos no misterioso caso das Irmãs Papin, também comentado por Lacan.

Espera-se que este trabalho sirva como auxílio ao leitor – seja ele psicanalista ou não – para compreender as questões envolvidas na psicose, em busca de facilitar a identificação dessa estrutura. Partimos da teoria em direção aos casos clínicos buscando traçar como podem surgir no discurso do analisando dados sobre sua relação com a alteridade, e como este pode vir a ser um norteador para o diagnóstico recente de uma psicose. Serão discutidas também, mais ao final do trajeto, algumas questões referentes ao manejo desse tipo de tratamento e sobre a transferência com esses analisandos.

PARTE I: O TEMA DO DUPLO PARA A PSICANÁLISE

I.I. RANK, FREUD: O duplo, o narcisismo e o estranho

Inicialmente, é tarefa fundamental de nossa pesquisa localizar: o que seria o duplo para a psicanálise? Um fenômeno? Uma experiência? Um mecanismo de defesa? Para respondermos a esta questão que nos é colocada de saída, precisamos de alguns dados importantes.

Antes de Freud abordar a questão do duplo, um de seus discípulos, Otto Rank, dedicou um livro inteiro à investigação sobre o tema, publicado em 1914. Nele, Rank aborda o duplo na literatura, na mitologia e em estudos antropológicos de povos primitivos. É possível notar que algo deste conteúdo veio a inspirar o texto onde Freud discorre mais longamente sobre o tema – seu texto sobre *O Estranho* (1919). Mas é importante notar que, em sua obra, Rank articula o tema do duplo ao narcisismo, que o próprio Freud formulou na mesma época de seu lançamento. Vemos, então, como a teoria freudiana já se faz presente nesse contexto.

Otto Rank define o duplo como uma perturbação do ego a partir de uma ameaça ao narcisismo: percebido como um outro exterior a si mesmo, o duplo é capaz de fazer com que o sujeito perca o domínio de si, especialmente quando provoca culpa ou sentimentos persecutórios. Para o autor, a constituição de um duplo se daria devido à uma não responsabilização do sujeito por atos que pudessem ser considerados imorais, e que por isso seriam projetados para este outro. Inevitavelmente, somos remetidos à instância do superego. Freud, em 1914, apesar de ainda não nomeá-la, também fala de um “agente psíquico especial” que tem como função a auto-observação e avaliação egóica, assegurando a satisfação narcísica proveniente do ideal do ego.

Assim, podemos concluir que Rank localiza o duplo como um mecanismo defensivo baseado na projeção, devido à necessidade de preservação do ego, que se sentiria ameaçado frente a conflitos morais e temor de aniquilação. Pode-se encontrar vestígios de traços identificatórios que o sujeito incorpora ao seu ego e reconhece como próprios, ao passo que os traços que recusa aceitar como seus são projetados para o duplo.

Freud ainda não aborda o tema do duplo em 1914, porém publica seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, que também traz importantes contribuições para nossa pesquisa no que concerne os mecanismos de constituição e funcionamento do ego. O termo narcisismo já havia surgido na literatura anteriormente, criado por P. Näcke em 1899 para definir a “conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse

o de um objeto sexual”. Freud percebe que tal conduta poderia se apresentar no desenvolvimento normal de todo ser humano a partir de suas observações clínicas com neuróticos e parafrênicos que demonstravam uma não-suscetibilidade à influência da psicanálise. Estes casos demonstravam a Freud que a atitude narcísica não seria qualificável como uma perversão, e sim como um “complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto conservação” (FREUD, 1914/2010, p. 14-15).

Seguindo adiante com suas formulações, Freud afirma que existiria na infância um período de narcisismo primário e normal, do qual se originaria o ego, como uma nova ação psíquica até então não existente, visto que o funcionamento psíquico até esse estágio pode ser classificado como auto-erótico (termo que designa o modo de funcionamento pulsional em que as pulsões ainda se encontram dispersas e encontram satisfação no próprio corpo, sem a necessidade de objetos). Mais tardiamente, em casos especiais, como o dos parafrênicos, poderia-se observar um narcisismo secundário, visto que estes pacientes demonstravam características similares às do narcisismo primário: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo.

Em busca de enquadrar estes casos especiais em sua teoria da libido, Freud irá, nesta obra, pesquisar qual seria o destino da libido retirada dos objetos do mundo externo na esquizofrenia. Indica, assim, que essa libido objetual é dirigida ao ego. Deste modo, essa retirada dos investimentos objetais é feita seguindo os mesmos moldes do narcisismo primário. Um modo que ele encontra de confirmar essa tese é a observação da vida psíquica das crianças e dos povos primitivos, nos quais pode se observar uma “onipotência dos pensamentos” similar à da parafrenia.

Freud crê que a paranoia e a esquizofrenia o auxiliam na compreensão da psicologia do ego, visto que, a partir das distorções produzidas por essas patologias, é que se poderia deduzir como se daria o funcionamento normal da psique humana. Partindo desta via, Freud busca correlações entre o fenômeno de desinvestimento libidinal do mundo exterior na megalomania e hipocondria dos parafrênicos e entre o funcionamento normal do ser humano na experiência da dor e do enamoramento.

O que é destacado é que no aparelho psíquico deve haver um balanceamento entre as duas formas da libido: quanto mais a libido do ego é empregada, menos libido objetual resta para investimentos na ordem da realidade externa (ou mais ela se ‘esvazia’, nos termos de Freud). O exemplo da experiência do enamoramento nos mostra o que se daria

quando é feito um investimento total no objeto: o sujeito como que desiste de sua personalidade, sentindo-se inferior ao mesmo, o que pode ilustrar o esvaziamento da libido do ego. Já na experiência da dor ou da doença, a libido se volta para a parte do corpo acometida e o mundo externo é que perde o interesse do doente.

Assim, nos casos de psicose, o retorno da libido do mundo externo para o ego resultaria na megalomania – se traduzindo como comportamentos característicos da mania, como onipotência de pensamento, delírios de grandeza – ou na hipocondria – onde se observa uma particular preocupação com a condição corporal. Freud infere, então, que, nesses casos, o que estaria ocorrendo seria um narcisismo secundário, onde a libido que retorna ao ego produz novos investimentos que se superpõem aos do narcisismo primário. O que é importante destacar é que em nenhum dos casos se trataria de uma criação inédita do aparelho psíquico, pois poderiam ser explicados com base na experiência primária do narcisismo.

Outros conceitos importantes para esta pesquisa abordados no texto *Sobre o narcisismo* seriam os de ego ideal, ideal do ego e superego (apesar de ainda não receber essa nomenclatura nesta obra, e sim de “instância crítica” e “consciência moral”, as características atribuídas aqui a esta instância são idênticas às mais tarde atribuídas ao superego, p.ex., cumprir as funções de auto-observação e autocrítica). O ego ideal seria uma espécie de herdeiro do narcisismo primário, ao qual é dirigido o amor do qual o ego real desfrutou na infância, visto uma impossibilidade de renúncia total às satisfações anteriormente desfrutadas. O ideal do ego é erigido a partir de fora, e neste ponto ainda não parece muito diferenciado do superego. Freud dirá que, a ele, cabe medir o ego atual em busca de readquirir a perfeição narcísica (Freud, 1914, p.40). A “instância crítica”, que optamos já chamar de superego, é descrita como uma “instância psíquica especial que cumpre a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do ego” (idem, p.41), observando continuamente o ego atual e medindo-o pelo ideal. Ele resguardaria uma função de consciência moral por conter vestígios da influência exercida por meio da voz por pais e educadores.

Freud nos indica que, na sintomatologia da paranoia – como no delírio de ser observado – podemos encontrar a forma regressiva desta função de crítica presente em todo indivíduo normal. A isso, inclui o fato de que essa instância é repleta de libido homossexual, que pode encontrar satisfação conservando-a. Tal articulação da libido homossexual com a paranoia já havia sido feita anteriormente no estudo sobre o *Caso*

Schreber (1911), no qual explica o desencadeamento da psicose com base em uma pulsão homossexual recalçada (assunto mais abordado na parte 3). Porém, nesse texto, mantem em mente que a função regressiva da libido ao modo narcísico e a capacidade de represamento da mesma no ego estão também presentes nas psicoses.

Dentro da dinâmica de funcionamento das três instâncias supracitadas podemos destacar dois aspectos essencialmente vinculados à nossa pesquisa. São eles: o mecanismo da identificação presente na formação do ego e a função de vigilância operada pelo superego sobre o ego. Ambos parecem constituir funções marcadamente presentes nas psicoses e especificamente, na constituição do duplo. Ambos serão investigados mais profundamente nos textos *Luto e Melancolia* (1915) e *Ego e o Id* (1923).

No texto de 1915, Freud irá destacar novamente a capacidade de identificação do ego a um objeto, o que poderia elucidar a origem dos fenômenos autodepreciativos presentes na melancolia. Ele explica tal mecanismo por duas vias. A primeira via seria a energética, esclarecendo que a identificação, nesses casos, faz com que a libido regreda a seu modo narcísico, fazendo com que “a sombra do objeto recaia sobre o eu”, para que o investimento libidinal neste objeto não tenha que ser abandonado, conforme ocorre na experiência do luto normal. Em outras palavras, o investimento no objeto é substituído por uma identificação, e, desta forma, o objeto perdido é instalado dentro do ego. A segunda explicação opta pela via dinâmica, onde Freud situa a agressividade voltada contra o próprio ego como proveniente de conteúdos recalçados que tenderiam a vir à tona com a perda do objeto. Mais precisamente, o objeto é que seria anteriormente vítima de ambivalência por parte do ego, estando os sentimentos negativos dirigidos a ele recalçados. Porém, ao serem transferidas ao ego, as recriminações ao objeto recalçadas passam a ser vividas pela consciência como um conflito entre o ego e a instância crítica, que cumpriria o papel de recriminar o ego, originando o sentimento de culpa e o desejo de punição (FREUD, 1915/2010, p.192).

Todos esses aspectos serão revisitados quando Freud vai refletir sobre o duplo em 1919, quando já está em vias de partir para sua segunda tópica. Em *O Estranho*, podemos vislumbrar, então, já alguns desses novos conceitos que serão lançados em 1920, em *Mais além do princípio do prazer*, como o de repetição, de objeto como presença real, de pulsão de morte e divisão do ego. Tudo isso, fazendo uso da literatura, pois compreendia-a como um apoio à psicanálise enquanto uma forma de estudar a estética, descrita como “a teoria das qualidades do sentir” (FREUD, 1919).

Nesta obra, além de explicar a experiência do duplo como uma defesa do ego proveniente do narcisismo, ou mais especificamente do agente crítico instaurado no narcisismo, Freud soma às suas explicações sobre a causa do duplo o retorno da forma animista de pensamento e da onipotência de pensamento da infância e o retorno do recalçado.

A primeira explicação diz respeito ao fato de que existe na mente de toda pessoa um agente crítico especial, que pode vir a funcionar como um duplo, por ser capaz de tratar o ego como um objeto. A ação dessa instância crítica pode ser identificada especialmente nos delírios de observação e de influência, e também nas fantasias.

A ideia do duplo não desaparece necessariamente ao passar o narcisismo primário, pois pode receber novo significado dos estádios posteriores do desenvolvimento do ego. Forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de criticar o ego e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa 'consciência'. (FREUD, 1919, p.294)

O caráter de estranheza provocado pelo duplo resulta de uma vacilação na delimitação entre interior e exterior, que remete à fase anterior ao narcisismo, onde isso não tinha um efeito de estranheza. Deste modo, é demonstrado que o estranhamento só é possível a partir da constituição do ego, logo, também a partir da constituição de um objeto externo.

A explicação do duplo referente ao modo animista e onipotente de pensamentos da infância propõe que é possível que restem em nossa mente vestígios de crenças antigas, onde a criança acreditava viver num universo povoado por espíritos e seres mágicos, ou que a força de seus pensamentos poderia provocar efeitos na realidade externa. Assim, todos atravessaríamos essa fase em nosso desenvolvimento, mas esses conteúdos poderiam ainda vir a se manifestar em idade mais avançada quando ocorre algo em nossa realidade que possa confirmar essas antigas crenças.

A explicação do duplo como retorno do recalçado diz respeito à possibilidade de conteúdos oriundos de complexos infantis recalçados virem à tona na consciência, conforme “algo familiar que deveria se manter oculto, mas veio à luz” (Freud, 1919/1985, p. 281). Neste caso, esclarece que existe uma verdadeira relação de repulsa entre o ego e o recalçado inconsciente, bastante presentificada no tema da castração. Afirma-se então

que, em alguns casos, pode ocorrer uma superenfatisação da realidade psíquica em comparação à realidade material, principalmente quando se fazem presentes conteúdos advindos do complexo de castração, já que estes possuem a capacidade de reanimar antigas fantasias infantis.

Um estranho efeito se apresenta quando se extingue a distinção entre imaginação e realidade, como quando algo que até então considerávamos imaginário surge diante de nós na realidade, ou quando um símbolo assume as plenas funções da coisa que simboliza. (FREUD, 1919/1985, p.304)

O que observamos no texto *O Estranho*, é que o duplo, para Freud, além de ser um fenômeno passível de acontecer com qualquer pessoa, pode adquirir um caráter um pouco mais patológico quando surge como um mecanismo de defesa oriundo do ego quando este recorre a uma regressão a um funcionamento mental mais antigo. O problema é que, tendo-se superado o narcisismo primário, o duplo que antes poderia ter um aspecto amistoso, com função de proteção, ou até de garantia de imortalidade para o sujeito, tem suas características invertidas, distorcidas por outros processos mentais, podendo causar sentimentos de ameaça ao ego.

O duplo se apresentaria, nesse sentido mais patológico, como personagens tomados como idênticos ao ego, ou com os quais ocorre um intercâmbio de pensamentos, ou ainda, quando o sujeito duvida a respeito de si mesmo, sentindo-se encarnado por um outro estranho. Assim, enquanto mecanismo de defesa, compreendemos que a regressão a este funcionamento anterior se mostra pouco eficaz, pois não protege o ego dos sentimentos de estranheza e angústia associados a irrupção destes fenômenos.

Freud narra um evento onde ele mesmo presenciou um duplo em sua vida, o que ilustra o aspecto de estranhamento, mas não necessariamente um modo patológico do fenômeno. Ele o atribuirá a uma desorganização momentânea do eu:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência (FREUD, 1919/1985, p.309, nota 1).

Vemos, a partir dessa nota, que o fenômeno do duplo faz com que “o sujeito se identifique de tal forma que fica em dúvida sobre quem é seu ego, ou substitui seu próprio ego por um estranho” (FREUD, 1919/1985, p. 291). O que ativa o estranhamento é a incapacidade dele discernir o que é interno ou externo, ou o que é de sua própria ordem ou do outro. Isso decorre da capacidade que o ego possui de se duplicar, se dividir e se intercambiar (FREUD, 1919/1985, p. 293).

Um outro aspecto importante no artigo de Freud é o que diz respeito à repetição. É dito que tudo aquilo que implica num “retorno constante da mesma coisa”, tal como traços, características, atos ou nomes, causa esse efeito angustiante ao nível do ego. É válido ressaltar que a concepção de angústia que irrompe com a visão do duplo na qual ele se baseou até este ponto de sua teoria remontava somente a uma angústia oriunda de conteúdos recalçados. Só mais adiante em suas formulações é que ele irá aceitar a hipótese da existência de uma angústia anterior ao recalque, que parece se enquadrar melhor na angústia proveniente do encontro com o duplo nas psicoses, na qual se destaca o aspecto de regressão a uma etapa da constituição subjetiva em que se observa uma fragmentação da imagem narcísica.

A defesa pautada na projeção para fora de conteúdos recalçados é incompatível com a defesa presente nas psicoses onde o que retorna de fora não são conteúdos recalçados não aceitos como parte integrante do ego, e sim de algo desde sempre rejeitado na realidade psíquica, como veremos na segunda parte deste trabalho.

Em “*O ego e o id*” (1923), Freud – já tendo adentrado sua segunda tópica – irá discorrer mais profundamente sobre o ego em suas relações com o id e o superego. Primeiramente ele afirma que o ego é corporal e funciona como a “projeção de uma superfície” (1923/1976, p.40), o que nos possibilita pensar a diferença entre o corpo físico real e o corpo enquanto uma construção que não cessa de ocorrer – construção que é passível de regressões tal como nos sintomas corporais da histeria ou das psicoses.

Em seguida, Freud nos diz que o ego pode ser entendido como um precipitado de identificações abandonadas, por vezes contraditórias entre si. Por conter a história das escolhas objetais com as quais houve identificação, fica difícil conceber o ego como algo harmônico. Neste ponto, Freud aponta para as patologias de múltipla personalidade, como exemplo de como essas diferentes identificações podem ser conflitantes e até originar rupturas no ego.

É colocado que, a princípio, na fase oral, o mecanismo de investimento no objeto e de introjeção coincidem, e, só posteriormente, os investimentos passam a surgir do id não mais como necessidades, mas como tendências eróticas. Desta maneira, o ego inclusive se torna capaz de obter maior controle sobre o id, na medida em que, ao se identificar ao objeto amoroso, obtém mais “simpatia” daquela instância. Tudo isso, economicamente, se passa através da transformação da libido objetal em libido narcísica, o que implica numa dessexualização da pulsão (que pode acarretar a des fusão das pulsões que antes se encontravam fundidas, trazendo para cena as pulsões de vida e de morte, até então não abordadas em nossa pesquisa).

Ao fazer referência ao ideal do ego (novamente colocado em igualdade com o superego), Freud explica que este teria origem em uma identificação primária à figura paterna – anterior ao complexo de Édipo –, e, por isso, carrega um aspecto duplo: tanto exigindo que essa identificação se concretize, quanto que o sujeito se diferencie do pai. Ele explica, então, que a partir do desfecho do complexo de Édipo, o ego se esforça para recalcar os investimentos objetais feitos ao longo desse estágio. A castração seria a prerrogativa para que esse recalque seja bem sucedido, porém, como examinaremos mais adiante, no caso das psicoses ela não irá ocorrer, o que nos permite inferir que o ego fica em outra condição quanto aos desígnios do id e do superego.

Se o ego não alcançou êxito em dominar adequadamente o complexo de Édipo, o investimento de energia deste, oriundo do id, mais uma vez irá atuar na formação reativa do ideal do ego. A comunicação abundante entre o ideal e esses impulsos instintuais do *Ics.* soluciona o enigma de como é que o próprio ideal pode, em grande parte, permanecer inconsciente e inacessível ao ego. A luta que já se deu nas camadas mais profundas, e que não chegou ao fim mediante rápida sublimação e identificação, prossegue numa região mais elevada (FREUD, 1923/1976, p.54).

Vemos, no caso do duplo e da psicose – em especial da paranoia –, Freud explicar essas experiências atribuindo-as as influências massivas do superego sobre o ego. O que deve ser mantido como inconsciente emerge sob forma de ideias e percepções conscientes. Veremos nesse texto Freud explicar a paranoia ainda como uma defesa de uma ligação homossexual muito forte à determinada pessoa, onde esta pode tornar-se um perseguidor (FREUD, 1923/1976, p.58).

Somado a isso, ao abordar o tema das duas espécies de pulsões, Freud inclui um outro mecanismo presente na paranoia, afirmando que nela, desde o início do

desenvolvimento, se faz presente uma atitude ambivalente, que será transformada por um deslocamento reativo do investimento, quando se subtrai energia do impulso erótico e se introduz energia no impulso hostil (FREUD, 1923/1976, p. 59).

Freud opera uma importante modificação em sua teoria do narcisismo nesse texto. Ao refletir sobre a dinâmica entre o ego e o id, ele dirá que o narcisismo do ego é um narcisismo já secundário (em todas as pessoas). A ordem dos eventos energéticos com relação ao texto *Sobre o narcisismo* de 1914 é invertida.

Bem no início, toda a libido se acha acumulada no id, enquanto o ego ainda está em formação ou é fraco. O id envia parte dessa libido para investimentos objetais eróticos, e com isso o ego fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetal e impor-se ao id como objeto de amor (FREUD, 1923, p. 62).

Já vimos anteriormente que isso se dá através do processo de identificação, onde o objeto, introduzido no eu, passa a conquistar também a admiração do id. Isso ocorre devido a regressão efetuada no id, da libido sexual em libido narcísica. Tal processo se estende para o superego, que aumenta sua crítica com relação ao ego. Freud inclui que, em ambos os casos, o ego, por haver controlado a libido via identificação, fica ainda mais a mercê da punição do superego – através da agressividade que antes estava mesclada à libido (FREUD, 1923/1976, p.71-72).

Concluindo esta etapa sobre os ensinamentos de Freud, verificamos que o ego, que na primeira tópica tinha um grande domínio sobre o psiquismo, na segunda tópica se encontra cada vez menos “senhor em sua própria casa” (FREUD, 1917/1976, p. 178). De um lado, tendo que lidar com as informações da realidade externa; de outro tentando cativar o id pela via da identificação com objetos pulsionais; e, de outro, buscando a restauração de um estado de coisas similar ao do narcisismo através da identificação com a figura de autoridade que constituiu o ideal do ego.

É importante incluir que o superego, nesta segunda tópica, representará a lei da pulsão enquanto pulsão de morte, devido ao fator de des fusão/dessexualização pulsional operado no processo de regressão narcísica. A identificação primária com o pai, anterior ao complexo de Édipo, que constitui o superego levanta problemas para a teoria do narcisismo conforme formulada por Freud. Isso porque essa dessexualização acirra o poder do superego como reduto da pulsão de morte, ao passo que o narcisismo ainda dá poder à instância do ego de se proteger contra o retorno de um investimento libidinal

abandonado. Assim, a explicação de que ele seria apenas o “herdeiro do complexo de Édipo” não dá conta de explicar a característica que este possui de, por vezes, se afastar das figuras parentais originais e se tornar “mais impessoal” (FREUD, 1923/1976, p. 47).

Com a teoria de Lacan, ao longo dos próximos capítulos, veremos como algumas das características do duplo nomeadas por Freud também são atribuídas ao narcisismo e à possibilidade de divisão do eu, que sente o duplo como algo que remonta a uma sensação de desamparo, que pode resultar na agressividade da relação dual e nos aspectos persecutórios das psicoses.

I.II. LACAN: O duplo, o estádio do espelho e o imaginário

Pelos primeiros textos que Lacan vem a publicar após a sua tese de doutorado sobre o Caso Aimée (abordado no capítulo 4) pode-se notar que ele se debruça longamente sobre o tema do narcisismo, pois ao longo dos anos que se seguem à publicação da tese, praticamente todas as obras tocam em algum aspecto do assunto: *A agressividade em psicanálise* (1948), *O estádio do espelho como formador da função do ego* (1949), bem como em grande parte das lições de seus três primeiros seminários Lacan também retomará o tema, para teorizar sobre a constituição do eu e do imaginário.

Identificamos na formulação do seu estádio do espelho, inspirado no conceito de narcisismo em Freud, uma contribuição fundamental para compreensão dos duplos, especialmente nas psicoses. É que para Lacan, relendo Freud e o papel da identificação na constituição do eu, a instância do eu é paralelamente um outro, que tem como pré-requisito para existir uma alienação proveniente do campo da linguagem e que será mais discutida a seguir.

Lacan concorda com Freud no fato de que há algo em comum entre a estruturação inicial do aparelho psíquico e o funcionamento do mesmo na psicose. O narcisismo seria essa ação do aparelho psíquico, que faz com que as pulsões auto-eróticas que lá estavam desde o início passem a funcionar em unidade quando o eu começa a assumir suas funções (LACAN, 1953-54/1986, p. 136-137).

A partir da sua teorização sobre o estádio do espelho, Lacan percebe que a psicanálise teria algo a dizer ao campo da etologia. Voltando-se para estudos do

comportamento reprodutivo dos animais, vislumbra que este é eminentemente baseado em algo na ordem das imagens. No processo de maturação sexual dos pombos, para que se acione o comportamento acasalatório, há algo do campo das imagens que serve de sinal, de *Gestalt*, e que ocasiona efeitos no corpo. Assim, infere que o mecanismo do instinto sexual dos animais estaria essencialmente cristalizado numa relação imaginária (LACAN, 1953-54/1986, p. 144).

Em seguida, nos estudos da psicologia infantil feitos por Henri Wallon sob o título *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio (1931)*, lhe chama atenção o fato de que, nas primeiras experiências de se olhar num espelho, o comportamento da criança difere inteiramente do comportamento de um chimpanzé. Ao passo que este último rapidamente se desinteressa da imagem projetada no espelho, a criança se mostra encantada por sua imagem e se engaja numa atividade de gesticulações, em busca de relacionar sua vivência interna com a projeção externa de sua imagem (OGILVIE, 1987/1991, p.108-109). Neste mesmo estudo se observou também que, no fenômeno do transitivismo, uma criança muitas vezes confunde-se, concebendo o corpo de uma outra como seu, e como no próprio discurso, uma criança pode tomar uma outra como referência para falar de si e vice-versa.

Somando esses conhecimentos e articulando-os com a teoria do ego, Lacan partirá em busca de precisar as relações da libido com o imaginário e o real. Assim, ele formula a tese de que o ego é uma função imaginária e que se constitui a partir da experiência do estágio do espelho – de uma identificação a uma *imago* que não corresponde de modo algum à condição de desorganização corporal ainda presente em tal estágio do desenvolvimento humano. Algo aí se passa que é da ordem de uma identificação com uma imagem externa, e tal experiência só é possível devido à condição de prematuração no nascimento da espécie humana. Nascerdo ainda sem total domínio sobre seu sistema motor, a vivência da criança de seu corpo seria a de descontrole, de que as muitas partes não se comunicam, nem necessariamente pertencem a ela própria. Esta realidade se altera a partir da experiência do estágio do espelho, conceituado por Lacan como:

Momento jubilatório em que a criança se assume como totalidade que funciona como tal em sua imagem especular. (...) A criança se volta para aquele que a segura e que está atrás dela. (...) Através desse movimento de virada da cabeça, que se volta para o adulto, como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o Outro, que ratifique o valor dessa imagem. Isso, é claro, é apenas um indicador,

levando em conta a ligação inaugural entre a relação com o Outro e o advento da função da imagem especular (LACAN, 1962-63/2005, p.41)

Temos então, que a primeira conquista do eu que a criança experimenta se dá concomitantemente com a presença de um outro, que tem para ela um valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida (LACAN, 1953-54/1986, p.148). Em outras palavras, o eu se constitui de modo a despertar o desejo da criança pela realidade externa. Ogilvie (1987/1991, p. 111) indica que o elemento “espelho”, seria um termo genérico, pois seria apenas um entre muitos outros pontos de referência suscetíveis de analogias e assimilações por parte da criança.

É todo e qualquer comportamento de um outro que lhe responda que desempenha aqui o papel de um espelho, e mesmo qualquer traço material que a criança deixe atrás de si, jato ou destroço, no qual ela se contemple como sendo a autora. Por exemplo, o jogo do carretel que Freud observa em seu neto. (OGILVIE, 1987/1991, p.111)

Deste modo, Lacan (1953-54/1986, p. 96) irá supor nesse estágio também a origem de todos os objetos: tudo o que é e o que não é do eu precisa também ser conhecido através desses olhos do outro. Este outro é que permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral (LACAN, 1953-54/1986, p. 148).

Um outro aspecto importante é o fator da dupla alienação que esse momento traz consigo: primeiramente na imagem, visto que o sujeito se vê num reflexo que está situado fora de seu corpo, concebendo-se como um outro exterior a si próprio e que, mais tarde, dará origem ao Ideal do eu. E segundo, na linguagem, visto que, para que se reconheça, é preciso que receba uma ratificação dada pelo Outro.

O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e engendra um vigoroso esforço para reganhá-lo. Esse afastamento faz-se por meio de um deslocamento da libido para um Ideal do eu imposto pelo exterior, e a satisfação resulta da realização deste Ideal (LACAN, 1953-54/1986, p.159).

Então, temos que a criança adentra a função imaginária por meio de um Eu ideal – relação entre o sujeito e sua *Urbild* (LACAN, 1953-54/1986, p. 198). A diferença entre o Eu ideal inicial e do futuro Ideal do eu é que um está no plano do imaginário e outro no

plano do simbólico (abordado no próximo capítulo) – porque a exigência do Ideal do eu só irá tomar seu lugar no conjunto das exigências da lei (LACAN, 1953-54/1986, p.157).

Conforme Freud coloca, o que constitui o narcisismo é a possibilidade de investimento libidinal no próprio eu – temos aí a conjunção da libido objetual e da libido narcísica. Lacan (1955-56/1988, p.51) leva isto mais adiante afirmando que o resultado dessa dinâmica do narcisismo entre o eu e o outro é que fixa a criança em uma imagem que a aliena em si mesma. Esta experiência possui o caráter de uma concorrência imaginária primitiva, donde esta alienação no outro coloca também o risco de anulá-lo ou ser a criança por ele anulada, caso ele não esteja “de acordo”, dirá o autor.

O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo do seu semelhante. É exatamente aí, nesse momento, que se isola, no ser humano, a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. É na medida em que seu desejo passou para o outro lado, que ele assimila o corpo do outro e se reconhece como corpo (LACAN, 1953-54/1986, p. 173)

Esta alienação no outro constitutiva da unidade do sujeito forma o traço de uma identificação primária que carrega em si uma tensão imaginária, que podemos encontrar em todos os fenômenos de encontro com o duplo. Lacan (1953-54/1986, p. 161) considera a presença de uma agressividade no eu, engendrada pela rivalidade pelo objeto de desejo do outro. Pois se a ligação de cada objeto ao outro é feita através da libido narcísica, no plano dual, no universo fechado a dois, o outro é aquele que dá margem à possibilidade ou não de minha própria existência.

Essa imagem do mestre, que é o que ele vê sob a imagem da imagem especular, confunde-se nele com a imagem da morte. O homem pode estar em presença do mestre absoluto. Está aí originalmente, quer isso tenha sido ensinado ou não, na medida em que está submetido a essa imagem (LACAN, 1953-54/1986, p.175)

Em *Os complexos familiares (1938)*, Lacan analisa a relação de ciúmes entre irmãos de uma família, e afirma que o irmão pode vir a ser também um pequeno outro que funciona tal qual um duplo. Assim, conteúdos oriundos desse complexo fraterno podem desestabilizar a identidade imaginária da criança em certos momentos. A

rivalidade e agressividade entre irmãos proviria desse fato e não somente por uma disputa pelo amor dos pais.

Ao falar sobre a "armadilha narcísica" em seu *Seminário A angústia*, Lacan dirá que, nesta, o sujeito se debate com sua própria agressividade, que se volta contra ele próprio conforme ele mergulha, tal qual Narciso, na fascinação da própria imagem (LACAN, 1962-63/2005, lição de 14 de novembro de 1962.). Essa fascinação, é um primeiro momento no encontro com o semelhante, e o sujeito sucumbe a ela se não for capaz de extrair daí a diferença que, para a constituição do eu, é formadora.

Na inveja, o sujeito vivencia o gozo do Outro como ligado à "intenção de me privar". Logo, não se trata do simples ciúme competitivo, mas da *invidia*, da inveja que nasce do olhar. Segundo Julien (1996, p.45.): "Vejo no Outro um gozo que, em contrapartida, provoca o meu ódio, porque só consigo ver nele um privador, e não um semelhante com quem possa me identificar". Afirma ainda que o ódio social nasce desta suposição de saber sobre o gozo do Outro. Assim, questiona: "como posso amar meu próximo na posição de malvado, ele que me priva de um gozo que suponho nele...?"

Assim, Lacan afirma que, em qualquer ser humano, o eu seria essencialmente paranóico pelo fato de estar sempre acompanhado deste duplo especular. Se a identificação com o outro é feita sem mediação simbólica, ou esta começa a vacilar, o outro é ao mesmo tempo rival e igual. Sem a passagem ao simbólico, "toda função humana só poderia esgotar-se na aspiração indefinida da destruição do outro como tal" (LACAN, 1953-54/1986, p.198).

Essa imagem é funcionalmente essencial no homem, na medida em que lhe dá o complemento ortopédico dessa insuficiência nativa, ou desacordo constitutivo, ligado à sua prematuração no nascimento. Sua unificação não será jamais completa porque é feita precisamente por uma via alienante, sob a forma de uma imagem estranha, que constitui uma função psíquica original. A tensão agressiva desse eu *ou* o outro está absolutamente integrada a toda espécie de funcionamento imaginário no homem. (LACAN, 1955-56/1988, p.113)

Reforçando a tese de Freud de que a psicose seria uma regressão ao narcisismo primário, vemos Lacan retomando esta teoria e explicando o modo de funcionamento do psicótico como situando-se em relação ao outro sempre conforme o par imaginário a – a',

ilustrada em seu esquema L (ver figura 1), onde o sujeito encontra a imagem de seu eu no outro, que é objeto de identificação, mas também de agressão.

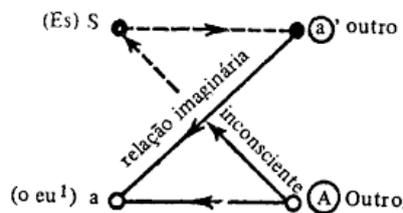


Figura 1: Esquema L

Nesta relação dual “todos os sentimentos são recíprocos” (LACAN, 1953-54/1986, p.44). Daí o cuidado a ser tomado no manejo de uma análise que se dê apenas pela via imaginária. Lacan, ao longo de muitos anos de seu ensino, teceu severas críticas à chamada psicologia do ego, que tinha como principal objetivo fortalecer o eu do sujeito através das interpretações das resistências dele originadas. O que ocorria era que, ao longo do tratamento, se acabava por deixar de lado a via simbólica (eixo A – S no Esquema L [ver figura 1]). Por isso, para Lacan (1953-54/1986, p.45), é importante que haja sempre um terceiro termo nas interpretações das defesas. Simultaneamente, há que se saber reconhecer a que nível o outro imaginário é realizado e a que distância ele se encontra, distância esta que varia incessantemente ao longo da experiência analítica (LACAN, 1953-54/1986, p. 62).

A interpretação dual [pode fazer com que o analista entre] numa rivalidade de eu a eu com o analisando, contrariamente à interpretação que se direciona no sentido da estruturação simbólica do sujeito, a qual deve ser situada para além da estrutura atual do seu eu (LACAN, 1953-54/1986, p. 80).

I.III. Alterações no plano especular:

Consideramos importante fazer uma pequena passagem pela teoria da angústia em Freud e Lacan para um aprofundamento no que se refere à sensação de estranhamento e angústia oriunda do encontro com o duplo, bem como evidenciar algumas alterações feitas por Lacan em seu esquema ótico proposto em seus primeiros seminários.

No *Seminário 10: A angústia* (1962-63), Lacan revê a sua prévia composição do campo do imaginário, ou, mais precisamente, tece uma crítica ao estádio do espelho conforme fora formulado (MILLER, 2005, p.12). Refletindo que no imaginário o próprio

desejo é desejo na medida em que sua imagem-suporte é equivalente ao desejo do Outro (LACAN, 1962-63/2005, p. 34), Lacan opera uma modificação do estágio do espelho tendo em vista a necessidade de localizar um resto não especularizável, não enquadrável no imaginário, o qual nomeia objeto *a*.

Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto. Esse resto (...) é o pivô de toda essa dialética. (...) Essa função é privilegiada sob a forma do falo. Isso significa que, em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em *i(a)*, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando como propriamente imaginário, isso é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. (...) Não só ele é representado no nível do imaginário, como é também (...) cortado da imagem especular. (LACAN, 1962-63/2005, p. 49)

Através da imagem especular, a presença do eu [*moi*] no Outro não deixa resto, não se pode ver o que é perdido ali. Portanto, a dimensão especular é a dimensão em que o pequeno *a* é reduzido a zero, logo, o campo em que o sujeito está mais seguro quanto à angústia. (LACAN, 1962-63/2005, p. 277).

A ideia do imaginário apoiada sobre o estágio do espelho não era, portanto, suficiente para dar conta da dimensão do objeto que se apresenta na angústia. Lacan, por isso, faz uma decomposição do nível especular. No estágio do espelho, tem-se a ilusão de que a pulsão está ligada à imagem. Optando pelo retorno ao esquema ótico elaborado em seus primeiros seminários, Lacan introduz no esquema um furo, um novo lugar no campo imaginário para construir o objeto da angústia.

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud reviu sua teoria da angústia, deixando de concebê-la apenas como uma energia despreendida da representação pelo recalque, para considerar a angústia como algo mais originário que o mesmo. O autor diferencia angústia automática – traumática – e angústia sinal. A angústia automática é involuntária, determinada pela própria experiência de desamparo do eu frente ao acúmulo da excitação, que pode ser interna ou externa, enquanto a angústia sinal seria uma resposta do eu frente à ameaça de um novo trauma (que teria como modelo principal o trauma do nascimento), perigos que envolvam separação ou perda de objetos amados e ativam a expectativa de desamparo. Freud afirma que "toda angústia é diante de algo", e aponta que esse "algo" pode ser um perigo exterior ou libidinal, porém sempre sentido como externo, devido ao mecanismo de projeção.

No *Seminário 10*, Lacan relê este texto freudiano e concorda parcialmente com a teoria de Freud no que se refere à conexão entre o ato do nascimento e a angústia. O ponto de reformulação lacaniana é que não seriam o trauma do nascimento em seu caráter de separação da mãe ou tampouco as transformações a nível corporal que se passam com o recém nascido que constituiriam fundamentos da aparição da angústia num momento posterior. O que interessa a Lacan no contexto do nascimento é a função do corte que se efetua na ocasião, que vem a separar a criança dos envoltórios embrionários – tidos como parte de seu corpo, e não do corpo materno. Esse corte vem a ressaltar o caráter de separação demarcado por Freud, mas num sentido da anatomia da criança, mais referido ao objeto *a*, em seu status de objeto separável do corpo – que Lacan também chamará de “objeto cedível”. O corte, deste modo, não se dá entre a criança e a mãe (LACAN, 1962-63/2005, p. 135). A separação que é realizada no nascimento traz implicações para o campo do objeto e da angústia, por ser reproduzida ao longo das outras etapas do desenvolvimento. Um outro exemplo seria o seio materno, que, segundo Lacan, também é entendido, pelo bebê, como parte de seu próprio corpo. Isso se deve à provável percepção que o bebê tem de ser ligado ao corpo da mãe pelo seio e de ter essa parte ocasionalmente retirada dele.

Além dos supracitados, Lacan enumera outros quatro objetos: o falo, as fezes, o olhar e a voz – sendo os dois últimos acréscimos que ele faz à lista de objetos da teoria freudiana. São estes os objetos cedíveis, formas que o objeto *a* assume. É como pedaço de corpo que eles funcionam como objetos das pulsões parciais, cada um correspondendo à determinada fase do desenvolvimento. Segundo Lacan (1962-63/2005, p. 340), isso evidencia que os pontos de fixação da libido são colocados em torno dos momentos que a natureza oferece à estrutura eventual de cessão subjetiva. De maneira que, enfatizando o sentido de caducidade dos órgãos que instauram a relação com o objeto *a*, é quase como que uma consequência natural a insaciabilidade do desejo que vem marcar todas estas relações (LACAN, 2005, p. 330-331), visto que o que aí se dá é uma interrupção na sustentação da libido, e não o encontro com um objeto de satisfação.

Essa relação com o objeto de que hoje lhes falo permite fazer a síntese entre a função de sinal da angústia e sua relação, afinal, com algo que podemos chamar, na sustentação da libido, de uma interrupção. (LACAN, 1962-63/2005, p. 116)

Deste modo, a criação do objeto *a* servirá para demonstrar que a totalidade do investimento libidinal narcísico do sujeito não é transferida para o objeto. Há uma parte que permanece do lado do sujeito, que não entra no imaginário. Isso implica dizer que aquilo que atrai o desejo do sujeito depende do que se mantém do lado do sujeito, enquanto reserva de libido.

Ao nível da linguagem, podemos traduzir isso da seguinte maneira: em seu primeiro *Seminário* (1952-53), Lacan situava o objeto somente como um objeto-imagem que encontra seu estatuto no desejo pelo suporte da cadeia significante (MILLER, 2002, p.279). De modo que, antes do *Seminário 10* (1962-63), a falta de objeto é sempre redutível a uma falta de significante. O esforço de Lacan, a partir de então, gira em torno da tarefa de elaboração de uma falta irreduzível ao significante. Isso implica a construção de algo que não cabe no nível imaginário (e que por isso desperta angústia): o objeto *a* vindo se inscrever numa lacuna do mesmo. A angústia se liga essencialmente ao que aparece para o sujeito, mas que pertence à ordem do não especularizável, nem apreensível pelo significante. Se antes a totalidade dos objetos do mundo são modelados tomando como protótipo a própria imagem (MILLER, 2005, p.12), a partir dessa reformulação do estádio do espelho, o objeto *a* será a primeira e única exceção a essa regra.

Para Lacan, o que angustia não é a falta do objeto de satisfação, mas sim que este objeto deixe de faltar. A angústia surge quando algo vem ocupar o lugar do objeto faltoso do desejo, o objeto *a*. Ela revela a proximidade do objeto *a*, objeto causa do desejo, cujo comparecimento significaria a morte do desejo – a falta que vem a faltar. Se o lugar da falta não é preservado num sujeito, há um destacamento da imagem especular, que dá lugar à imagem de um duplo autônomo, fonte de angústia e estranhamento. Logo, Lacan acredita que a angústia não seria sinal de uma falta, mas a manifestação, para o sujeito, de uma falha neste apoio indispensável para o sujeito, que é a falta.

Na obturação total de um certo vazio a preservar que nada tem a ver com o conteúdo nem positivo nem negativo da demanda, é aí que surge a perturbação onde se manifesta a angústia. (LACAN, 1962-63/2005, lição de 12 de dezembro de 1962)

Lacan considera que a experiência do duplo concerne àquilo que escapa à imagem especular, um momento no qual essa imagem começa a se transformar, deixando surgir a dimensão do olhar, uma assustadora presença de algo que nos olha. Isso porque “no estado dito de vigília, há elisão do olhar” (LACAN, 1962-63/2005, lição de 12 de

dezembro de 1962). Assim, compreendemos que o estranhamento se articula com algo que surge no lugar de *a*.

Lacan também relaciona as cinco formas do objeto *a* ao circuito da constituição do sujeito no lugar do Outro. Em cada um dos níveis desse circuito, o desejo é causado por uma das formas do *a*. A angústia é a tradução subjetiva do objeto *a* na medida em que é ela que sinaliza os momentos de aparição desse objeto. Em tais momentos, o sujeito é acometido pela angústia porque o desejo, causado pelo *a*, torna-se prestes a invadir o campo do gozo. A entrada do sujeito no mundo simbólico se dá através da perda do gozo, na medida em que este é precisamente a falta do verbo, a ausência da palavra, o mais-além do simbólico. Nesse sentido, a angústia é também a insinuação, a evocação desse gozo perdido e que, como tal, se revela mortífero para o sujeito. Isto é, o sinal da angústia vem ressaltar que algo ao nível do corpo precisa ser cedido para que se tenha lugar a própria constituição de um sujeito.

Veremos mais aprofundadamente no capítulo 3 como na psicose isso irá falhar e como esta nova concepção do imaginário também é útil para compreendermos a experiência da angústia com o encontro com um duplo nas psicoses. Mas, antes, consideramos essencial fazer uma passagem pela teoria sobre a psicose nos textos psicanalíticos, para que não percamos de vista as diferenças entre o funcionamento neurótico e o funcionamento psicótico. Sem essa diferenciação, o fenômeno do duplo pode parecer indistinto nos dois casos.

PARTE II: A ESTRUTURA PSICÓTICA

II.I. O complexo de Édipo:

Neste capítulo buscaremos nos centrar mais sobre o plano simbólico na constituição do sujeito. A partir da obra de Lacan, observamos que o símbolo intervém em todos os momentos e em todos os níveis da existência da ordem humana (LACAN, 1954-55/1987, p.44). A própria existência do sujeito do inconsciente pressupõe também a existência desse universo simbólico, do Outro – termo introduzido por Lacan no seu seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1955)*, como aquilo que implica um para além do imaginário, da dimensão especular: o campo da ordem simbólica. Partindo destas noções, poderemos compreender melhor as contribuições futuras de Lacan sobre a constituição da estrutura psicótica.

Mas para falarmos sobre o simbólico, é importante lembrarmos que Lacan se apropriou de alguns conhecimentos da linguística de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson para pensar no inconsciente a partir da estrutura da linguagem. Embora nunca tenha feito uso do conceito de sujeito em sua teoria, Freud contribuiu para uma nova compreensão da subjetividade ao conceber o inconsciente como um sistema lógico. Lacan constrói o conceito de sujeito a partir dessa mesma lógica, inferindo que este seria de algum modo regido pelas incidências da linguagem – ou melhor, seria um efeito dela.

Subvertendo a teoria de Saussure que dizia que o signo consiste numa amarração entre significado e imagem acústica (significante), Lacan preconiza uma total autonomia do significante com relação ao significado (S/s). A lógica do significante gera, ela mesma, significações múltiplas, não fixáveis de antemão. A barra, ao contrário do traço que une significante e significado em Saussure, é marca de uma separação para Lacan, uma barreira resistente à significação. O significante em si pode ser entendido como vazio, pois só se inscreve em relação a outro significante, e o significado por ele produzido é sempre evanescente e deslizante.

É dessa lógica de funcionamento que advém o sujeito – como aquilo que emerge nos intervalos do deslizamento do significante em uma cadeia de significantes. A máxima “o sujeito é aquilo que representa um significante para outro significante” (LACAN, 1960/1998, p.833) vem desta noção de cadeia significante. Visto que o significante em si, isolado da cadeia, não remete a nada, há de existir a articulação entre dois ou mais significantes para que o sentido seja dado. Assim, vemos que o sujeito para Lacan é algo

que jamais pode ser completamente representado por um significante, na medida em que a coisa em si jamais é o mesmo que o significante que a designa.

É dessa mesma lógica do significante que Lacan infere também o movimento incessante do desejo como jamais satisfeito – inspirado pela ideia do “objeto para sempre perdido”, conceito produzido em 1895 por Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*. É nessa malha de significantes na qual também se articula o desejo do Outro que o sujeito poderá advir, sem saber que já advém como barrado, porque para ele se constituir, há que se perder algo: alienado no significante, apartado da possibilidade de fechamento de sentido, visto que as significações estão sempre por advir.

A partir do complexo de Édipo, primeiramente teorizado por Freud e retomado por Lacan, irá emergir o sujeito e se dará sua inserção no plano simbólico. A partir da saída do Édipo veremos que, de um impasse com o qual o sujeito se depara, só há saída possível a partir do simbólico. Em seu *Seminário 5: As Formações do Inconsciente (1957-58/1999)* Lacan descreve como se dá a passagem pelo Édipo, como emerge o sujeito e como este funcionará de acordo com sua estrutura.

É dentro da etapa edípica que começa a ser colocada para o sujeito a questão fálica, o Nome do Pai, conceitos sem os quais essa pesquisa não poderia avançar. Articulado este capítulo à questão dos duplos, veremos como é também no princípio do Édipo e na relação com a lei materna que se pode constituir a relação com um duplo invasor tal como nas psicoses e como sujeito pode passar a se localizar somente de acordo com as regras da linguagem, sem a lei do parentesco, própria do simbólico e da submissão à lei compartilhada pela cultura como um todo, que é trazida pela função paterna.

O Édipo é uma mobilização imaginária na criança para resolver subjetivamente o enigma colocado pela diferença dos sexos (DÖR, 1991, p.28). Ele representa o percurso que a criança é levada a construir para encontrar uma resposta a essa questão. É a partir da relação agressiva que se dará a integração e a introjeção da imagem edípica, ou seja, pela via do conflito imaginário que se faz a integração simbólica (LACAN, 1955-56/1988, p. 242), desta forma vemos como os dois planos – imaginário e simbólico – estão intimamente interligados. Lacan irá subdividir todo o complexo em três tempos que se desenrolam entre a criança, a mãe e o pai.

No primeiro tempo o pai aparece apenas de forma velada. A questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la (LACAN, 1957-

58/1999, p.200). O sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto de desejo de sua mãe. A criança se depara com a problemática fálica na medida em que lhe é suficiente *ser* o falo. Assim, encarna a posição que Lacan nomeia de *assujeito* – puramente de objeto satisfatório para a mãe. A oscilação entre *ser* ou *não ser* é que anuncia a etapa seguinte.

No segundo tempo entra em cena o pai simbólico, que frustra o filho da posse da mãe, interditando a satisfação dos impulsos da criança – espécie de castração simbólica na qual a criança se vê frustrada de sua necessidade (frustração enquanto falta imaginária de um objeto real). Esta falta funciona tal qual um sinal da incompletude materna, pelo fato dela desejar uma outra coisa, que está colocada fora da relação dual com seu filho.

Neste ponto o pai já aparece como suporte da lei, porém de forma mediada pela mãe. O sujeito é desvinculado de sua identificação primária e deixa de ser o objeto do desejo materno, para tornar-se um objeto que o outro tem ou não tem. Do ponto de vista da mãe, o pai a priva do falo que ela supostamente tem sob a forma da criança identificada com o objeto de seu desejo.

É no plano da privação da mãe que uma questão, num momento dado da evolução edipiana, coloca-se para o sujeito, a de aceitar, registrar, simbolizar ele mesmo, tornar significante essa privação de que a mãe se revela ser objeto (...). Qual é a configuração especial dessa relação com a mãe, com o pai, com o falo, que faz com que a criança não aceite que a mãe seja privada pelo pai de algo que é objeto de seu desejo? (...) Essa configuração é nodal. Neste nível, a questão que se coloca é ‘ser ou não ser’, ‘*to be or not to be*’ o falo. (LACAN, 1957-58/1999, p.192)

É também frisado neste segundo tempo o aspecto fundamental de o quanto é ou não autorizada pela mãe a potência da função paterna. O que está em jogo não é a figura, e sim a palavra do pai, e o quanto a mãe remete ou não a criança a esta palavra.

O essencial é que a mãe funde o pai como mediador que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome do Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei (LACAN, 1957-58/1999, p.197).

A criança é confrontada com a lei, percebendo que a mãe depende dela ao nível da satisfação que pode proporcionar às demandas da criança. Está aí a etapa crucial que irá determinar o desfecho do complexo de Édipo: se o outro está também ou não remetido à uma lei.

O que é aqui endereçado ao outro como demanda é remetido a um tribunal superior, é substituído, como convém, pois sempre, sob certos aspectos, aquilo sobre o que interrogamos o outro (...), encontra no outro, este “Outro” do outro, isto é, sua própria lei. É a este nível que se produz alguma coisa que faz com que o que retorne à criança seja pura e simplesmente a lei do pai (LACAN, 1957-58/1999, p.198-199).

No terceiro tempo, por intervir como aquele que *tem* o falo – e não que o é – o pai será base para uma nova identificação para a criança, passando a ser internalizado no sujeito como ideal do eu. É nesta etapa que o pai se consolida como suporte da lei, que será simbolizada pela criança. Diante desta experiência o sujeito se posiciona quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter mais a posse do falo, que deixa de ser um objeto do qual o pai pode privá-la, para se tornar objeto de desejo da mãe. Como o pai é quem o possui – devendo inclusive dar provas disso – e é ele quem escolhe dá-lo ou não. Assim, a criança, pode também cobiçar o falo onde ele se encontra, identificando-se com o pai, que supostamente o tem.

Ainda sobre a formação da instância do Ideal do eu, a ele recai a função de regular o investimento objetual. Assim, ele passa a ser o molde de onde serão reguladas as questões do narcisismo pela via simbólica. Desta maneira, vemos uma distinção mais clara entre ideal do eu e superego, mesmo que ainda conforme à abordagem de Freud. O superego viria a representar a proibição contra o incesto oriunda do complexo de Édipo, porém abrindo a possibilidade de trocas simbólicas que se realizam tomando como modelo o ideal do eu.

O superego apresenta de forma crua a condição narcísica de dependência do Outro, do discurso inconsciente, regulador das relações com os pequenos outros. Neste caso, é como um pequeno outro imaginarizado em sua potência e em seu atributo de voracidade que o superego representa a determinação última do grande Outro (MARTELLO, 2000, p.88)

A noção de pai simbólico é tomada por Lacan como uma metáfora, uma das marcas da via simbólica, na qual um significante é substituído por outro. Deste modo, para a criança, a metáfora do Nome do Pai substitui o desejo da mãe como significante; o significante do desejo da mãe é recalcado; o falo torna-se o significante associado ao significado do desejo da mãe, e por isso também inconsciente. Pensando na constituição de uma estrutura neurótica, ao fim do Édipo, o falo aparece como a perda simbólica de um objeto imaginário (castração) – conforme no matema criado por Lacan, abaixo:

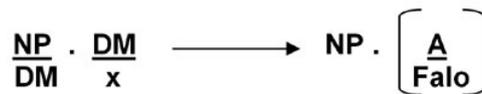


Figura 2: Metáfora Paterna

Em outras palavras, o falo, na operação da metáfora paterna, é visto como significante. O falo como resposta àquilo que a mãe deseja, ao mesmo tempo em que encobre uma falta, a revela como falta no Outro. Diferente do falo imaginário do primeiro tempo do Édipo que tenta completar a mãe; ao tornar-se significante, o falo imaginário aparece negativizado pela castração, e revela a falta-a-ser do sujeito.

Na neurose, o objeto imaginário da castração deixará essa marca de uma falta (como a falta que dá significação às idas e vindas da mãe em sua busca desejante). Do objeto ausente que dá significação a esta falta, será o falo que aparecerá como símbolo – algo da ordem de uma ausência no imaginário, proveniente de uma dívida simbólica instaurada a partir da lei colocada pela função paterna. Enquanto significante do desejo, ele está elidido da cadeia, em posição de exceção em relação a outros significantes (assim como o Nome do Pai), porém regendo toda a ordem significante.

Colocando o Nome do Pai, o significante do pai, em substituição ao significante do desejo da mãe – é essa substituição metafórica –, ela faz surgir uma significação fálica, que dá sentido ao ser do sujeito, ao ser do vivente. (...) O Nome do pai, que substitui o desejo da mãe faz surgir no lugar do significado a significação do falo. (SOLER, 2007, p.197)

Do momento em que a lei é simbolizada é que o pai, como portador de um significante, autoriza e fundamenta todo o sistema dos significantes (LACAN, 1957-58/1999, p.474). Nomeando o Pai, a criança continua na realidade a nomear ainda o objeto fundamental de seu desejo, e adentra a norma fálica, o universo dos símbolos.

Como existência, o sujeito vê-se constituído desde o início como divisão. Por quê? Porque seu ser tem de se fazer representar alhures, no signo, e o próprio signo está num lugar terceiro. É isso que estrutura o sujeito na decomposição de si mesmo sem a qual nos é impossível fundamentar o inconsciente (LACAN, 1957-58/1999, p.266).

O desejo está instalado numa relação com a cadeia significante, na medida em que se efetua com o desconhecimento do sujeito. Passando a ser mediado pela linguagem,

ele se instaura e se propõe como demanda. Sendo moldado pelas condições da demanda, devido à dependência primordial do sujeito com relação ao desejo do Outro, ele deve entrar nas condições do significante, já que passa necessariamente por uma demanda que deve ser significada no plano simbólico (LACAN, 1957-58/1999, p.284). Com efeito, ele passa a circular na cadeia significante remetendo-se a substitutos na medida em que o verbo não dá conta de significar plenamente um objeto. Assim, Lacan afirmar que, do momento da alienação do desejo da linguagem, o objeto torna-se metonímico – remete-se a outros significantes por contiguidade associativa na cadeia – outra marca da via simbólica.

A partir da saída do Édipo, o sujeito tem de encontrar seu lugar de objeto desejado em relação ao desejo do Outro, isto é, como aquele que é e que não é o falo, um sujeito marcado pela barra, na medida em que, ao procurar articular seu desejo, ele se depara com o desejo do Outro – algo para além da demanda (LACAN, 1957-58/1999, p.372). Como a metáfora paterna barra a mãe, a demanda torna-se uma demanda de amor direcionada a este Outro, que detém algo que o sujeito não possui.

Quando o significante falo (simbolizador de uma falta fundamental) está presente enquanto desejo do Outro, o desejo do sujeito aparece numa dimensão “para-além”, e se tornará inconsciente. Será uma espécie de “resíduo” não situável na demanda, na medida em que esta desvia, modifica, transpõe a necessidade (LACAN, 1957-58/1999, p.393), pois coloca o Outro como ausente ou presente. Existe aí uma perda com relação à necessidade, que se apresenta no desejo – uma espécie de “empréstimo de matéria prima”, na qual o Outro não tem como responder sim ou não – pois o desejo não satisfaz a nada senão a ele mesmo (LACAN, 1957-58/1999, p.394).

Da discordância entre o plano imaginário – campo da necessidade, da impotência, que aliena a natureza do desejo do sujeito – e a ordem simbólica – pela qual o desejo se fundamenta na fala do Outro – é que é aberta para o sujeito a possibilidade de ele se distinguir como tal. Porém, do momento em que se submete à ordem simbólica, ele está irremediavelmente dividido, pois um símbolo de linguagem (Nome do Pai) vem designar metaforicamente o objeto primordial do desejo tornado inconsciente (desejo da mãe).

II.II. A forclusão do Nome do Pai:

Tudo o que foi exposto no subcapítulo anterior se refere aos antecedentes de configuração de uma estrutura neurótica. No caso da estrutura psicótica veremos que ocorre o fracasso da metáfora paterna, no qual esta permanece foracluída da cadeia, comprometendo o acesso ao simbólico. Como o processo metafórico de substituição não pode ocorrer, o desejo da mãe vai aparecer de forma incontrolável para o sujeito que não dispõe da significação fálica.

Retornando à teoria freudiana sobre as psicoses, em *As neuropsicoses de defesa* (1894), Freud situa as psicoses como uma forma patológica de defesa mais “poderosa e bem sucedida” contra a representação do evento sexual primário, em comparação às defesas neuróticas (FREUD, 1894/1996, p.63).

Na psicose, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas no momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como 'confusão alucinatória' (FREUD, 1894/1996, p.63)

Inicialmente se baseando no mecanismo de projeção para explicar as alucinações, dirá que aquilo que é suprimido internamente retorna desde fora. Mais tarde, no *Caso Schreber* (1911), corrige-se, colocando que:

Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é *projetada* para o exterior: a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente *abolido* [*verworfen*] retorna desde fora. (FREUD, 1911/1996, p.95)

Em outras palavras, no recalque, algo é suprimido da consciência, porém continua a existir no inconsciente, produzindo efeitos; já na forclusão, algo é inteiramente rejeitado/abolido (de *Verwerfung*) – nas palavras de Lacan, aquilo que é foracluído no simbólico retorna no real.

Ainda em *Neuropsicoses de defesa* (1894), Freud afirma que, nas paranoias, no lugar do recalque, o que ocorre é o mecanismo de descrença (*Unglauben*), que produz como sintoma primário, a desconfiança. Há uma recusa de uma ideia recriminatória, que passa a retornar distorcida e de fora. Freud distingue duas formas de retorno: quando o que retorna é o afeto e a representação rejeitados, isto se dá pela forma de alucinações verbais, como vozes que depreciam e perseguem o sujeito. Quando o que retorna é

somente o afeto rejeitado, os fenômenos se passam mais a nível do corpo, que Lacan exemplifica como um gozo excessivo que invade o sujeito, ou como forma do corpo despedaçado. Em termos lacanianos, compreende-se isso como crença ou descrença no Outro, e temos como efeito principal disso a ocorrência de uma certeza absoluta que sobrevém no caso das psicoses, fruto dessa relação diferenciada com a linguagem.

No *Rascunho H (1895)*, Freud novamente identifica nas psicoses uma representação incompatível com o ego, que seria projetada no mundo externo. Em 1896, em *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa*, irá diferenciar a paranoia da neurose obsessiva, dizendo que na primeira as recriminações são projetadas no mundo externo, e na segunda, no mundo interno. Em 1899, na *Carta 125 a Fliess*, ele passa a situar a paranoia como uma fixação na etapa autoerótica do desenvolvimento infantil, na tentativa de explicar como nestes casos as primeiras identificações são desfeitas.

Em seus escritos sobre o *Caso Schreber (1911)*, Freud primeiramente indica como causa da paranoia uma defesa contra uma pulsão homossexual inconsciente. Antes do desencadeamento, Schreber pensa que deve ser bom estar na posição feminina durante o ato sexual. Além disso, Schreber havia sido nomeado para o cargo de Presidente do Senado. Para Freud, isto colocaria em jogo um temor à castração e uma tendência homossexual outrora rejeitada. O delírio persecutório contra a figura de seu médico, o Dr. Fleschsig, viria como uma tentativa de solucionar o conflito gerado por esse desejo homossexual outrora inconsciente, solicitando do sujeito uma nova posição com relação ao mundo externo. Freud assinala ainda, que não seria necessariamente a pessoa do Dr. Flechsig que teria trazido à tona esse sentimento, mas à transferência existente entre o paciente e o médico:

O sentimento amistoso do paciente para com o médico bem pode ter sido devido a um processo de ‘transferência’, por meio do qual um investimento emocional se transpôs de alguma pessoa que lhe era importante para o médico que, na realidade, era-lhe indiferente; de maneira que o último terá sido escolhido como representante ou substituto de alguém muito mais chegado ao paciente. (FREUD, 1911/1996, p.66)

Mais tarde, Lacan (1973) traçará críticas a essa concepção do homossexualismo como causa da psicose, reolocando-o como um efeito (possível, mas não sempre presente) do desencadeamento da psicose. Segundo o autor, o que se daria nesta tendência seria resultado da impossibilidade de colocação do psicótico na partilha dos sexos.

Na teoria de Lacan, a estrutura psicótica será explicada como sendo originada por uma forclusão do Nome do Pai. Este conceito surgiu primeiramente em sua obra *O mito individual do neurótico (1953)* e depois em *Função e campo da palavra em psicanálise (1953)*, onde Lacan o introduz articulando-o com o universo religioso onde ecoam os fundamentos da lei, demarcando-o de forma positiva como aquilo que sustenta a ordem simbólica.

À partir da constituição de uma estrutura psicótica a regressão ao estágio do espelho é explicada como mecanismo de defesa oriundo de uma falha ocorrida durante o complexo de Édipo. Neste caso, ao invés de advir a castração através da função simbólica do pai (como nas neuroses), ocorreria no psicótico uma rejeição completa desta função. Isto não implica a ausência do pai enquanto presença física no âmbito familiar, mas do pai como função instauradora da Lei – compreendida como um interdito feito por um terceiro na relação imaginária entre filho e mãe.

A metáfora paterna tem por efeito separar o sujeito não tanto da mãe, como se costuma dizer, mas da vacilação inerente à relação especular com a mãe. Uma vacilação que faz com que o sujeito possa oscilar entre uma identificação transitiva com a própria mãe e uma identificação com o objeto de desejo da mãe. (SOLER, 2007, p.198)

Na relação especular com a mãe, os objetos são revestidos das mesmas capacidades de destruição da qual a própria criança se sente portadora (LACAN, 1953-54/1986, p.99). Através dos mecanismos de expulsão e introjeção dos bons e maus objetos ancorados nesse jogo imaginário que o sujeito se integra ao sistema simbólico. A equação simbólica dos objetos ordenados a partir da ordem imaginária só poderá ser feita a partir da travessia do complexo de Édipo – com a inscrição do significante fálico, o que vem a falhar na psicose. É também nesta passagem que podemos vislumbrar a principal diferença entre o que é da ordem do ego e o do que é da ordem do sujeito; do que é do reino dos objetos, das imagens e do que é da linguagem, dos acordos, dos símbolos.

Na psicose, o Nome do Pai não funciona como lei, falhando em proibir o acesso da mãe ao objeto de seu desejo. A forclusão seria o fracasso da metáfora paterna, onde o Nome do Pai deixa de se inscrever no lugar do Outro, deixando também de advir a significação fálica, uma vez que a castração simbólica não ocorre.

Pode ser que o sujeito recuse o acesso, ao seu mundo

simbólico, de alguma coisa que no entanto ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça da castração. (LACAN, 1955-56/1988, p. 21)

Lacan (1955-56/1988, p.115) demarca que se faz necessário colocar para a criança a noção de que há uma ordem que ultrapasse o desejo materno, que a ordem simbólica subsiste como tal fora do sujeito, distinta da sua existência, e o determinando. O outro, não sendo barrado – sem o significante fálico da Lei – torna-se consistente, absoluto. É aqui que podemos vislumbrar um importante aspecto do duplo enquanto invasor na psicose. Se este Outro primordial representado pela mãe não possui falta, caso o enigma do desejo da mãe não seja posto ao longo do Édipo, como nas neuroses, o sujeito fica a mercê de um outro que tudo pode, não submetido à lei alguma. O resultado disto, é que este outro, ao se desencadear a psicose, ganhará atributos invasores, persecutórios, e o sujeito psicótico estará a ele submetido.

O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma, está destinada ao conflito e à ruína. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de bem-sucedido, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse Nome do Pai (LACAN, 1955-56/1988, p.114)

Lacan afirma que, para compreender o que se passa nas psicoses, é um erro invocar os mecanismos de conflito e defesa utilizados nas neuroses. Na neurose, o que é recaiado retorna pela via dos sintomas, onde uma parte da realidade psíquica é sacrificada. Na psicose, é com a realidade exterior que em certo momento houve ruptura, é a própria realidade que é provida de um buraco (LACAN, 1955-56/1988, p. 56-57). Ela provém de algo que se situa nas relações do sujeito com o significante, onde os efeitos de significação não serão os mesmos que nos sintomas. O significante em si é sem significação própria, não está desde sempre atado a um significado – visto que tal amarração só se torna possível após estabelecimento da função do Nome do Pai.

Nas neuroses, é a significação que por um tempo desaparece, eclipsada, e vai aninhar-se alhures, enquanto a realidade vai aguentar bem o rojão. Tais defesas não são suficientes no caso das psicoses, e é na realidade que aparece o que deve proteger o sujeito. Este situa fora o que pode suscitar nele a pulsão instintiva, contra a qual se trata de fazer frente (LACAN, 1955-56/1988, p. 231).

Para Lacan (1955-56/1988, p. 58), o que se dá no desencadeamento de uma psicose é um apelo ao Nome do Pai, onde este significante que foi posto para fora da simbolização é que volta de fora – nos remanejamentos do significante, que surge como uma tentativa de reparo da falta significante pela via imaginária, com a aparição de duplos e com os fenômenos elementares, como a alucinação (que Lacan considera como a aparição de um significante no real).

Nessas manifestações da psicose vemos o sujeito se situando em relação ao conjunto da ordem simbólica, visto que fracasso da metáfora paterna – cuja função seria criar um ponto de amarração (ponto de basta) na cadeia, atrelando significantes a significados – irá deixar um buraco na cadeia significante que vai provocar seus maiores efeitos ao nível da linguagem.

Na psicose, é o significante que está em causa, e como o significante não é nunca solitário, como ele sempre forma alguma coisa de coerente – é a significância mesma do significante – a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante (LACAN, 1955-56/1988, p. 231).

PARTE III: A PRÉ-PSICOSE E O DESENCADEAMENTO

III.I. A regressão tópica ao imaginário:

Neste capítulo buscaremos traçar diferenças entre os momentos de pré-psicose e do desencadeamento. Essa distinção não é simples, pois na psicose “o desenvolvimento não é insidioso, há sempre acessos, fases” (LACAN, 1955-56/1988, p. 26). Compreender essas mudanças significa compreender em que ponto do discurso do sujeito ele se situa com relação a alteridade, com relação a seu próprio eu e com relação à linguagem. Esse último é o principal aspecto a ser localizado para se traçar um diagnóstico e a direção do tratamento.

No período de pré-psicose isso pode ser ainda mais complexo, visto que “nada se parece tanto com uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica” (LACAN, 1955-56/1988, p. 219). Geralmente neste período ainda se faz presente uma amarração do imaginário, do simbólico e do real e, conseqüentemente, prevalece uma organização do sujeito dentro da linguagem e do eu com relação a realidade. Assim, seguindo as indicações de Freud e Lacan, um importante fator a ser levado em conta nesses casos é a presença ou ausência da regressão, que entendemos como um dos mecanismos de defesa primários adotado pelo psiquismo na psicose. É nessa fase de regressão que podemos já presenciar a aparição do duplo, como uma espécie de espelhamento e identificação com um outro próximo como mecanismo compensatório. Deste modo, consideramos importante uma passagem pelo tema da regressão tópica ao imaginário.

Para compreender o conceito de regressão, inicialmente é preciso recorrer à sua primeira conceituação feita por Freud em *Interpretação dos Sonhos* (1900). Na obra, referindo-se ao que ocorre para que sejam produzidas as imagens de um sonho, a regressão é considerada o efeito de uma resistência que se opõe ao avanço de um pensamento na consciência ao logo do caminho normal e de uma atração simultânea exercida sobre ele pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial.

Na formação do sonho, o que deve ocorrer, para Freud, é uma regressão tópica no sentido do sistema *psi*, facilitada pela cessação da corrente progressiva que durante o dia adentra o sistema pelos órgãos dos sentidos. Assim, Freud compreendia o caráter alucinatório dos sonhos: como uma mudança no sentido normal do pensamento, que resultaria numa reanimação de lembranças do passado (FREUD, 1900/1972, p.584).

Lacan (1954-55/1987, p.171) critica essa explicação, pois para ele é impossível pensar na energia fluindo no sentido contrário pela via neuronal. Ele afirma que Freud só irá se desembaraçar dessa concepção mais tarde, em 1915, após a formulação da sua teoria do narcisismo. Seguindo seu trajeto de pensamento, Lacan compreende que a regressão seria uma reanimação das imagens, pois aquilo que é do campo imaginário e é vivenciado no sonho, se encontra próximo do nó simbólico da semelhança, da identidade e da diferença (LACAN, 1954-55/1987, p.208). Disso é que parte a sua conclusão de que não existe regressão ao nível da realidade (do neurônio), mas somente ao nível da significação, que mais remete ao plano do imaginário, do eu (LACAN, 1954-55/1987, p.136). O que se dá numa regressão, então, seria uma decomposição imaginária (visto que aí é onde estão localizados os componentes normais da percepção) – uma decomposição das palavras em elementos que representam imagens diversificadas do eu (LACAN, 1954-55/1987, p. 212).

O objeto está sempre mais ou menos estruturado como a imagem do corpo do sujeito. O reflexo do sujeito, sua imagem especular, sempre se acha em algum canto em todo e qualquer quadro perceptivo, e é ele quem lhe confere uma qualidade, uma inércia especial. (...) No sonho, por se acharem aligeiradas as relações imaginárias, ela se revela facilmente a todo instante (LACAN, 1954-55/1987, p.212).

O motor de tudo isso, a fonte de energia para que isso ocorra, como vemos em Freud, é o desejo inconsciente que precisa encontrar vias de se satisfazer. O eu serve como protetor do sono porque ele mantém uma função fantasiante que busca realizar o desejo inconsciente (LACAN, 1954-55/1987, p.268). A via simbólica comparece, nesse sentido, atrelada aos nomes, às palavras que nomeiam os objetos. No sonho, se imagina o símbolo. Daí compreendemos porque a interpretação só pode ser feita pelo próprio sonhador: só ele pode operar, dar sentido, fazer a junção entre o simbólico e o imaginário, isto é, simbolizar as imagens (LACAN, 1954-55/1987, p.215).

O eu é um dos elementos significativos do discurso inconsciente. Como tal, como imagem, ele está preso na cadeia de símbolos. É um elemento indispensável da inserção da realidade simbólica na realidade do sujeito, ele está ligado a essa hiância primitiva do sujeito (LACAN, 1954-55/1987, p. 264).

Partamos agora para um exame mais próximo do problema das psicoses

propriamente dito. Temos que numa psicose se daria uma regressão tópica ao imaginário, porém esta não se dá tal qual no sonho. Primeiramente, o mecanismo desencadeador da regressão não seria o mesmo (uma redução de afluxos dos órgãos sensoriais). Em segundo lugar, a decomposição imaginária que se passa nos sonhos, irá ganhar a forma de uma fragmentação da noção de identidade do sujeito psicótico (LACAN, 1955-56/1988, p. 116). Assim, na regressão em uma psicose existem outros problemas em jogo.

Com a noção da forclusão do Nome do Pai, Lacan (1955-56/1988, p. 124) compreende que a origem da estrutura psicótica está em uma falha de entrada no simbólico, na presença de um buraco que deveria ser ocupado por este na cadeia significante. No caso de uma neurose, o recalçado encontra-se ainda na cadeia, podendo se revestir de uma “máscara” para reaparecer *in loco*, através da via mesma da qual foi retirado. Na psicose o que foi foracluído aparece num outro lugar, no real, e sem “máscara”.

Quando Freud explica o delírio por uma regressão narcísica da libido, sua retirada dos objetos tendendo a uma desobjetalização, isso quer dizer, no ponto aonde ele chegou, que o desejo que tem de ser reconhecido no delírio se situa num plano bem diverso do desejo que tem de fazer-se reconhecer na neurose (LACAN, 1955-56/1988, p. 124).

Além disso, sem o Nome do Pai, que deveria fazer a função de atar na cadeia significante os significados aos significantes, o significante passa a existir apenas sincronicamente. Com isso, as significações remetem somente a outras significações, numa espécie de deriva metonímica, e é em torno da existência do outro que gira a preeminência do jogo significante – vai se dando uma ocupação progressiva do significante, que vai aos poucos esvaziando-se de significado à medida que ele ocupa mais lugar na relação libidinal (LACAN, 1955-56/1988, p.246).

Entende-se isso como outro aspecto da regressão ao imaginário justamente por que a significação é da natureza do imaginário. É o que se passa no funcionamento delirante (LACAN, 1955-56/1988, p.66-67). O sonho e a lembrança são ambos da ordem do simbólico, por isso eles mais auxiliam na compreensão dos sintomas da neurose, onde está presente a duplicidade do significante e do significado. O que se passa na psicose está mais ligado ao que é da ordem do ‘umbigo do sonho’, entendido por Lacan como tudo o que se refere a:

Experiências privilegiadas caracterizadas pela relação que se estabelece com um outro absoluto, quero dizer, com um outro para além de toda a intersubjetividade. É muito especialmente no plano imaginário que este para além da relação intersubjetiva é atingido. Trata-se de um dessemelhante essencial, que é a própria imagem da deslocação, do rasgamento essencial do sujeito. O sujeito passa para além dessa vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem (LACAN, 1954-55/1987, p.223).

Vemos então, que na regressão tópica ao imaginário, o sujeito psicótico já está posto diante de uma realidade distinta daquela do sujeito “normal”. O universo organizado pelo imaginário é um lugar de significações absolutas, marcado pela rivalidade com o outro, visto ser o lugar onde a identidade do eu se constituiu como alienada no período do narcisismo/estádio do espelho. Relembremos que é nessa regressão (que ocasiona uma dessexualização e uma defusão das pulsões de vida e de morte) que Freud localizou também o perigo da figura do supereu, que aparece como reservatório de pulsões hostis que podem se voltar contra o eu. Assim, veremos no próximo capítulo como, conforme a medida dessa regressão, podemos identificar diferentes resultados na situação do eu e do sujeito frente à realidade.

III. II. Distinções entre o duplo na pré-psicose e após o desencadeamento:

Lacan coloca que o psicótico adere ao imaginário, à relação dual. Numa situação de pré-psicose, isto é, um período onde ainda há alguma estabilidade e ainda não se fez um apelo ao Nome do Pai, primeiramente, o sujeito tende a se apoiar numa identificação de suplência ao vazio da significação fálica. O que pode ser observado quando o sujeito vai em busca de um apoio imaginário no outro como um modelo a ser reproduzido.

Faltando este significante (Nome do Pai), o que resta é uma imagem a que se reduz a função paterna, fora da relação triangular. Imagem cuja função especular ainda dá ao sujeito algum ponto de enganchamento que o permite se apreender no plano imaginário. (LACAN, 1955-56/1988, p.233)

Lacan (1955-56/1988, p. 233) infere que, caso essa imagem com a qual o sujeito se identifica seja por demais potente e não algo com o qual ele pode formular um pacto, uma ordem de coexistência, é uma relação de rivalidade e agressividade que aparecerá. A partir daí, o sujeito adota uma posição mais intimidada e temerosa, já que ocorre algo

da ordem de uma captura imaginária, onde a imagem adquire uma função sexualizada, sem a possibilidade de uma exclusão recíproca que permita fundar o eu na identificação com o outro. Lacan (1955-56/1988, p.233) deduz que, como forma de compensação, resta ao sujeito assumir uma série de identificações a personagens que forneçam a ele indicações do que é preciso fazer ao longo da vida para ser um homem.

É também na etapa anterior ao desencadeamento que podem se fazer notar os primeiros fenômenos de alteração corporal, fornecendo indicativos de que algo falhou na organização do corpo no período do estágio do espelho. A diferenciação entre as esquizofrenias e as paranoias se faz considerando que, nas primeiras, se daria uma regressão a um estágio prévio ao estágio do espelho – o que se refletiria nos fenômenos de desorganização corporal, nas vivências de despedaçamento e nas alucinações ao nível do real – ao passo que nas paranoias a regressão seria ao estágio do espelho, ocasionando experiências particulares de perseguição, delírios de interpretação, que já implicam a influência de um Outro constituído que faria do sujeito seu objeto.

É importante atentar para o fato de que tomar o imaginário por real é o que caracteriza mais especificamente a paranoia (LACAN, 1954-55/1987, p. 341), na qual os fenômenos elementares que se manifestam após o desencadeamento do surto se situam ao nível da interpretação. O delírio é povoado por significações que se impõem – embora o sujeito muitas vezes as considere incompreensíveis –, e isto não é acessível por via de qualquer dialética; é composto por interpretações “estagnantes”, impermeáveis a mudanças (LACAN, 1955-56/1988, p. 30-31). Lacan (1955-56/1988, p. 37) entrevê nesta impossibilidade a característica autonomia do funcionamento da linguagem: “há no texto do delírio uma verdade que lá não está escondida, mas realmente explicitada”, acompanhada de um caráter de certeza.

Observando o que ocorre em certos delírios, vê-se que no imaginário, a identidade do eu e do outro possui a possibilidade de fragmentação, desdobramento e estas podem vir a se interpenetrar entre elas. É possível perceber que muitas vezes se misturam eventos antecedentes do universo imaginário do sujeito ao seu delírio, e ele pode se apoiar nestes para adotar novas características, formular interpretações, etc. Lacan (1955-56/1988, p. 117) percebe nesses movimentos uma rede de natureza simbólica que serve ainda para conservar uma certa estabilidade das imagens nas relações do sujeito com a realidade.

O sujeito é criador, mas está também vinculado ao outro (...)

enquanto *ele*. (...) A noção de sujeito é correlativa da existência de alguém sobre o qual penso – *Foi ele que fez isso*. Não o ele que vejo ali, mas o *ele* que não está ali. Esse *ele* é o abonador de meu ser, sem esse *ele* meu ser não poderia nem mesmo ser um *eu* (LACAN, 1955-56/1988, p.119).

A característica do paranóico de construir o seu delírio a partir de um sistema, propicia-lhe instaurar uma ordem muitas vezes não alcançada pelo esquizofrênico com seus delírios fragmentados. Sem a produção de um delírio sistematizado, é normal que, durante um surto, o esquizofrênico se sinta inteiramente à mercê da invasão do Outro. Esse gozo do Outro possui então um caráter sem corpo e sem definição, diferentemente da solução do paranoico. Ao nível da linguagem, nos esquizofrênicos é que se pode notar mais claramente o que Lacan chama de “enxame de significantes”, onde se daria uma pluralização de significantes mestres para o sujeito. Assim, numa situação onde nenhum deles possui um valor que se sobressaia dentre os outros, o significante desaparece, daí a impossibilidade nesses casos do sujeito poder se fazer reconhecer diante do Outro (LACAN, 1955-56/1988, p.24). Podemos inferir que, nessa configuração de coisas, o duplo se torna realmente superpotente frente ao ego.

Segundo Frederico (2008, p.23), em um processo de análise onde já se faz presente um delírio, a questão será como produzir o ponto de basta sem ter a garantia do Nome do Pai para estabilizar a cadeia significante. Como a crença do sujeito é sustentada pelo Nome do Pai, este é que assegura a crença no inconsciente e no Outro. Os neuróticos possuem na crença no Outro um testemunho da divisão do sujeito. Já os paranóicos, no lugar da descrença (*Unglauben*), utilizam a certeza delirante, que lhes serve como ponto de basta para estabilizar uma realidade não assegurada pela significação fálica. Outros psicóticos, inteiramente “descrentes do Outro”, não conseguem estabelecer uma certeza através do delírio, como é o caso de muitos esquizofrênicos. Daí a valorização no trabalho com psicóticos de se encontrar o ponto de certeza para cada um. Por isso vemos também Freud e Lacan considerarem a importância da escuta do discurso, visto que o próprio sistema do delirante é que irá fornecer ao analista as chaves de sua compreensão.

Em 1911, ao discutir o Caso Scheber, Freud dirá que é possível encontrar casos de paranoia que evoluam para uma esquizofrenia mais tarde, assim como casos em que, desde o princípio, fenômenos paranoides e esquizofrênicos coexistam. O que é importante demarcar e pode ser útil na diferenciação das duas entidades clínicas é que, na paranoia, ao se nomear um perseguidor, é possível limitar o Outro, conseqüentemente tornando

possível ao sujeito se nomear e se fazer reconhecer diante desse Outro (LACAN, 1955-56/1988, p.63).

A distinção entre os campos do imaginário, do simbólico e do real dentro do discurso também é importante para localizar a função que o eu desempenha nestes processos de psicose e com que tipo de alteridade o sujeito se relaciona. Portugal (2006, p.82) demarca que no plano imaginário, podemos localizar todos aqueles duplos que são tomados como ideais, sócias, rivais, ou semelhanças de atos que poderiam ser atribuídos a características das instâncias do eu ideal e ideal do eu. No registro simbólico estão os duplos que apontam mais para a estrutura psíquica enquanto consciente *versus* inconsciente, mais marcados pela função da censura operada pelo supereu. Já no campo do real, o duplo remete a uma confusão, a um intercâmbio do eu com outrem, a vivências mais delirantes, como ideias de influência externa e alterações ao nível sensorial nas alucinações.

O eu é totalmente assumido através do seu modo instrumental. O sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse a sua vida. (...) É a questão da relação de objeto que se entrevê no limite (LACAN, 1955-56/1988, p. 23).

A partir deste exemplo, vemos que, mesmo tendo sido desencadeada uma psicose, as três vias continuam em funcionamento: o simbólico, porque continua se falando, apesar da linguagem se portar de modo distinto, como algo externo ao sujeito; o imaginário, porque vemos um centramento na relação dual e uma identificação ao que é próprio do eu; e do real, nas alucinações e fenômenos corporais, por exemplo. O que Lacan teorizará mais tarde, em seu segundo ensino, é que a amarração entre esses três níveis é que é desfeita no desencadeamento.

Lacan faz referência no seu *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1957-58) à compensação imaginária como sendo ela uma forma de suplência. Formula que, neste modo de defesa, o mecanismo da redução do Outro ao outro imaginário "é uma suplência do simbólico pelo imaginário" (LACAN, 1957-58, p.14). As chamadas "bengalas imaginárias" representam uma identificação possível e um uso do imaginário que consegue, mesmo que precariamente, dissimular a falta do operador do Nome do Pai.

Esse fenômeno (...) que parece preceder aqui o desencadeamento, basta para mostrar que, em relação à falta

do simbólico, o imaginário longe de ser apenas subordinado, pode funcionar como recurso ou prótese e que é uma das razões de colocar a equivalência entre essas duas ordens, como Lacan o faz quando ele constrói seu nó borromeano (SOLER, 1997, p. 9).

Normalmente, na estrutura neurótica, o sujeito fala e recebe sua mensagem invertida deste outro que se encontra do outro lado, atestando seu lugar, visto o sucesso da mediação simbólica. Na psicose, o eu delirante recebe do outro sua fala, mas não invertida. Esse outro se torna senhor da situação ao invés do Outro, da relação simbólica (LACAN, 1955-56/1988, p. 64). Assim, há neste modo de funcionamento uma outra lei em jogo, oposta à relação de sujeito a sujeito, eixo da fala em sua eficácia.

É aqui – na dimensão de um imaginário submetido, característica fundamental do imaginário – que se produz, como um fenômeno passivo, como uma experiência vivida do sujeito, este exercício permanente do engano capaz de subverter qualquer que seja a ordem, mítica ou não, no próprio pensamento. O que faz com que o mundo, como vocês vão vê-lo ser desenvolvido no discurso do sujeito, se transforme no que chamamos uma fantasmagoria, mas que é, para ele, o que há de mais certo de seu vivido, é esse jogo que ele mantém, não com um outro que seria semelhante a ele, mas com esse ser primeiro, garantia mesmo do real (LACAN, 1955-56/1988, p. 84).

A aparição de uma questão que desperte a falta de um significante primordial irá despertar também o que Lacan (1955-56, p. 233-234) chama de “fenômenos de franja” – em que o conjunto do significante está posto em jogo –, situação onde se percebe uma grande perturbação do discurso interior, e o Outro aparece como absoluto, se revelando em sua função própria, retendo o sujeito ao nível do discurso, o qual inteiramente ameaça faltar-lhe, e desaparecer.

A ruptura completa com o Outro é o que parece insuportável, e implica no apagamento do próprio sujeito. É nesta ameaça de inexistência que surgirão os aspectos da origem do eu, de uma espécie de assujeitamento puro, que Lacan chama de “eclipse do ser”.

É na medida em que não conseguiu, ou perdeu esse Outro, que o sujeito encontra o outro puramente imaginário, o outro diminuído e decaído com o qual não pode ter outras relações que não as de frustração – esse outro o nega, literalmente o mata. Esse outro é o que há de mais radical na relação imaginária. A captura pelo duplo é correlativa da aparição do que se pode chamar o discurso permanente, subjacente na

inscrição que se faz no curso da história do sujeito, e duplicando todos os seus atos (LACAN, 1955-56/1988, p. 238)

Na neurose e na própria experiência analítica, já se fazem presentes contradições entre o que é do plano do eu e o que é do plano da realidade externa – estas estão colocadas ao eu de todo homem moderno (LACAN, 1955-56, p. 156). Na psicose essas contradições serão ainda mais radicais, já que colocam ao sujeito a tarefa de como se situar frente a toda a construção da realidade – entendida aí como universo simbólico, que se apresenta para ele como abalado em sua totalidade. Em suma, o Outro é que forçosamente dá ao psicótico o trabalho de pensar e dar sentido às particularidades da sua experiência.

Lacan (1955-56/1988, p. 91) também ressalta que um outro aspecto marcante desta forma de relação é o fato de que o sujeito não sente que a sua própria realidade esteja assegurada. Com isso, soma-se um sentimento de constante perplexidade e a certeza radical de que todas as coisas lhe concernem, na tentativa feita pelo sujeito de compreender e organizar aquilo que se passa com ele próprio.

O que assinala a alucinação é esse sentimento particular do sujeito, no limite do sentimento de realidade e do sentimento de irrealidade, sentimento de nascimento próximo, de novidade, e não qualquer uma, de novidade a seu uso que faz irrupção no mundo exterior. Não é da mesma ordem que o que aparece relacionado à significação ou à significância. Trata-se justamente de uma realidade criada, e que se manifesta realmente no interior da realidade como algo de novo. A alucinação enquanto invenção da realidade é aí o que constitui o suporte do que o sujeito experimenta (LACAN, 1955-56, 1988, p. 164)

Sem dúvida esse mecanismo de invenção da realidade é retirado do texto freudiano de 1924, *Perda da realidade na neurose e na psicose*, no qual afirma que nas psicoses o que ocorre é um remodelamento da realidade, em oposição à fuga da mesma operada na neurose. Freud propõe que a criação de uma realidade na psicose é realizada sobre os "precipitados psíquicos de antigas relações com ela - isto é, traços de memória, ideias e julgamentos anteriormente derivados da realidade" (FREUD, 1924, p.232). Assim, vemos que o conflito imposto pela psicose demanda uma mobilização de outra ordem no psiquismo, que mobiliza todo aparelho psíquico e inclusive a recepção de dados sensoriais. Mas como compreender as alucinações auditivas sofridas pelos psicóticos?

Lacan coloca que é justamente o eu que desempenha a função de filtrar os conteúdos de um monólogo interno inconsciente que existe em todos nós e que é vivenciado incessantemente com a eclosão da fala alucinatória. Observa-se que algo desta função é abalado, fazendo com que o psicótico seja um testemunho inevitável dessa dimensão. Daí Lacan (1955-56/1988, p. 153) dizer que o psicótico é um mártir do inconsciente, pois ele se encontra como que imobilizado, fixado, no papel de vivenciar o que lá se manifesta “a céu aberto”: um mundo no qual as ideias opostas coexistem, onde a temporalidade pouco importa, enfim, onde a desordem parece imperar.

Porém, Lacan reforça que não é o trabalho do analista de maneira alguma reforçar a função do eu, ou de compreender de que maneira este pode se defender desta torrente de informações que lhe acometem. Para ele trata-se de saber como a ordem significante se situa na psicose, visto que o psicóticos amam o delírio deles como amam a si mesmos – máxima produzida por Freud ao abordar a questão do narcisismo. Trata-se de compreender, dentro do espaço do discurso, que o ego já foi posto fora de ação em sua relação com o mundo exterior (LACAN, 1955-56/1988, p.167), e passa a se manifestar de outra maneira com relação a este “estranho gêmeo”, que fala, faz eco aos pensamentos do sujeito, o vigia, designa suas ações, as comanda. Vemos aí uma outra forma de relação entre o eu e o supereu, onde não há filtro possível de ser efetuado pelo eu, que percebe os conteúdos intrapsíquicos como se viessem de fora.

Schreber faz em seu relato autobiográfico uma referência a um fenômeno do duplo que lhe ocorre dizendo que se sente “um cadáver leproso que arrasta atrás de si um outro cadáver leproso”. Lacan se refere a essa passagem como a

Descrição brilhantíssima de uma identidade reduzida ao confronto com seu duplo psíquico, mas que, além disso, deixa patente a regressão do sujeito, não genética, mas tópica, ao estádio do espelho, na medida em que a relação com o outro especular reduz-se aí a seu gume mortal (LACAN, 1957-58b/1998, p.574)

Ele também interpreta esta colocação de Schreber afirmando que, de fato, existe algo de fundamentalmente morto no eu, duplicado por este gêmeo que deve ser entendido como o discurso. Porém, “a relação imaginária fornece a sua forma à alienação psicótica, mas não sua dinâmica”, diz Lacan (1955-56/1988, p170). Está claro que são as vias do simbólico e do real é que estão implicadas nessa dinâmica.

Deste modo, a diferenciação entre a pré-psicose e a psicose já desencadeada também nos auxilia profundamente na compreensão dessa dinâmica. Se levarmos em conta qual é o nível de alteridade com o qual o sujeito se relaciona, estamos mais próximos de localizar o que se sucede.

Inicialmente ainda se faz uso de uma certa identificação, que mantém a dimensão intersubjetiva em equilíbrio, sem a aparição de um Outro superpotente. Somado a isto, o sujeito experimenta um estado de confusão profunda. Com a eclosão do delírio é que o Outro faz sua aparição, enquanto significante, ao nível do outro sujeito, que põe o seu mundo em perigo, o persegue.

O fenômeno persecutório toma o caráter de signos indefinidamente repetidos, e o perseguidor, na medida em que ele é o seu suporte, não é mais que a sombra do objeto perseguidor (LACAN, 1955-56/1988, p. 107).

A continuidade desse discurso perpétuo é sentida pelo sujeito, não só como um teste das suas capacidades de discurso, mas como um desafio e uma exigência fora dos quais ele se sente de repente atormentado por uma ruptura com a única presença no mundo que existe ainda na ocasião de seu delírio, aquela desse Outro absoluto, desse interlocutor que esvaziou o universo de toda presença autêntica (LACAN, 1955-56/1988, p.162)

É o que Lacan (1955-56/1988, p. 221-222) chamará de fenômenos ao nível do entre-eu, do duplo que é ao mesmo tempo seu eu e seu não-eu, onde aparecem falas que são uma espécie de comentário corrente acerca da existência do psicótico. Lacan (1955-56/1988, p. 247) dirá que, nesta etapa, o sujeito aparece como agente e paciente com relação a organização do sistema delirante. Isto porque ele sofre quanto mais não ceda a esta tarefa da qual ele precisa ser agente, desta “loucura raciocinante”, que em sua articulação possui uma lógica particular, embora seus elementos sejam enigmáticos.

Em suma, primeiramente, então, na entrada na psicose se dá a produção de uma abundância imaginária que suporta um modo da linguagem e da fala, por via das relações com o outro ao qual ainda se identifica. Num segundo momento, se é feito um apelo ao Nome do Pai, se dá a aparição do Outro, também chamado de “Um-pai”, que o psicótico não pode apreender senão na relação com o significante – esse Outro que irá relacionar tudo do mundo ao sujeito.

Em outras palavras, o desencadeamento ocorre fundamentalmente quando se faz presente “nada mais nada menos que um Pai real, não forçosamente, em absoluto, o pai do sujeito, mas o Um-pai” (1957-58/1988, p. 584), ou seja, quando o psicótico se encontra com algo que se apresenta para ele como um elemento heterogêneo, um elemento terceiro que abala a identificação imaginária e especular com o semelhante, rompendo o eixo imaginário de a-a' (ver figura 1). Neste momento, “o *eu* adquire a forma de *tu*, passa a se crer num estado de duplo, isto é, expulso de casa enquanto o *tu* continua sendo possuidor das coisas” (LACAN, 1955-56/1988, p.313). Mesmo com o desencadeamento, podemos ainda ver a participação do campo imaginário no delírio, se o compreendemos como um trabalho significativo com efeitos imaginários de construir uma nova realidade, podendo vir a assumir, em alguns casos, a função simbólica da metáfora através da metáfora delirante – nível em que significante e significado se estabilizam (LACAN, 1957-58b/1998, p.584). Vemos aí, então, a diferença marcante entre o duplo pré e pós-desencadeamento.

III.III. O duplo e o estranho:

Vimos que, no estádio do espelho, na identificação a uma imagem que possibilita a unificação do eu, está incluída também a alienação de si mesmo. O espelho faz com que o sujeito se veja como um outro na relação com o semelhante, e sua imagem aparece invertida, assimétrica, marcada já pelo registro da alteridade, de uma diferença contida no que supostamente deveria ser idêntico.

Vimos também no primeiro capítulo que disto resulta uma tensão imaginária, uma dialética do ciúme: “na medida que um objeto é desejado ou temido, é ele ou eu quem o terá, tem de ser de um ou de outro” (LACAN, 1954-55/1987, p.71). Vimos no segundo capítulo que se faz necessária a mediação desta relação por um terceiro para que esta tensão dual se dissipe pela via da linguagem – para que haja um acordo, e que dois desejos coexistam sem serem forçados a se destruir em seu ponto de convergência.

Há conflitos entre as pulsões e o eu, e que é preciso fazer uma escolha. Há as que ele adota, há as que ele não adota. É o que se chama a função de síntese do eu. (...) Essa síntese são se realiza jamais. (...)E esse senhor, onde está ele? No interior, no exterior? Ele está sempre ao mesmo tempo no interior e no exterior, é por isso que todo equilíbrio puramente imaginário com o outro está sempre condenado por uma instabilidade fundamental (LACAN, 1955-56/1988, p.111)

Assim, Lacan também irá discorrer sobre a experiência do duplo a partir do texto *O estranho* (1919) de Freud, no qual afirma-se que aquilo que seria mais conhecido e familiar – como a própria imagem - resguardaria também algo de estranho e aterrorizante. A sensação de estranheza remete também às sensações de *déjà vu*, nas quais algo estranho surge como familiar e a crença nas cenas percebidas é que passa a vacilar, como se algo ao nível do real aparecesse, marcando uma descontinuidade em relação à lógica imaginário-simbólica.

Vemos, a partir do duplo, a conexão entre o estranho e o inconsciente, expressando ao mesmo tempo uma falha e uma exigência de inscrição. O fenômeno pode tomar diversas formas: nas distorções da imagem de si que se reflete no espelho; na duplicação do eu, por exemplo em um sócio que esteja tomando o lugar do sujeito no mundo; nas alucinações, onde se atribui o discurso do inconsciente a um Outro – identificado por Freud (1919) à instância do supereu; nos fenômenos de perseguição, onde o duplo retorna do real vigiando incessantemente o sujeito, entre outros. Embora provenientes do supereu, Lacan (1955-56/1988, p.312-313) dirá que todos esses fenômenos sempre serão vividos ao nível do eu. Lacan o expressa nos seguintes termos:

Este lugar representa a ausência em que estamos. Supondo-se, o que acontece, que ele se revele tal como é - (...), a presença em outro lugar que produz esse lugar como ausência -, ele se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo (...), e nos faz aparecer como objeto, por nos revelar a não-autonomia do sujeito. (LACAN, 1962-63/2005, p.58).

Em 1919, Freud já inferira os fenômenos do estranho como causadores de angústia, e indagava-se se esta angústia estaria apenas relacionada ao recalque ou a algum outro fator psíquico. Visto que, até então, pensava que o afeto recalado é que ressurgia na consciência transformado angústia, Freud passa a buscar outro tipo de angústia que sirva para explicar os fenômenos acompanhados pelo estranhamento.

Lacan, em seu *Seminário 10*, irá levar as suposições freudianas um pouco mais além ao pensar em algum elemento não situável no campo do imaginário e nem do simbólico, proveniente do real, chamado objeto *a*, conforme discutido na sessão I.III (intitulada Alterações no plano especular). Referindo-se a uma falta a qual o simbólico não pode tamponar, Lacan irá identificar esta como sendo a própria estrutura do objeto *a*.

O furo presente na reformulação do esquema ótico, representado pelo $-\phi$ da castração, é acrescentado como o que deve existir para que a imagem do corpo ganhe consistência. Nesse sentido, o falo aparece a menos, como lacuna na imagem especular (LACAN, 1962-63/2005, p. 49). Com isso, podemos tomar o Outro como o que produz uma estabilização na imagem corporal através da inserção de um vazio, uma distância entre o real do corpo e sua captura na imagem do espelho. O $-\phi$ é inclusive identificado ao *Heim*, à casa, à segurança do sujeito contra a angústia, visto que “para o neurótico – onde se fez valer a castração – a fantasia serve para encobrir esse lugar, e seu *a* é posição: é a fantasia e também o lugar em que físgam o Outro” (LACAN, 1962-63/2005, p. 60-61). Porém, na psicose a função fálica falha e o estranho é o que surge no lugar onde deveria estar $-\phi$ (idem, p.51). Desta forma, a estabilização da imagem corporal é ameaçada – o que é ilustrado pelos fenômenos de despersonalização e toda ordem de perturbações, como por exemplo, a do esquizofrênico e sua “fantasia do corpo despedaçado” citada por Lacan (1962-63/2005, p.133). Assim, para sustentar a imagem de um corpo é preciso que haja um resto, como produto da operação simbólica de castração.

Portanto, Lacan explica que as experiências do corpo despedaçado remeteriam a antes do estágio do espelho, na medida em que aquilo que virá a ser a imagem unificada ainda encontra-se na desordem dos pequenos *a*, isto é, contrário à estrutura do eu. A estrutura dos objetos pequenos *a* os torna impróprios para a sensação de unidade, que é egóica e imaginária. Eles gerariam o sentimento de angústia por não serem passíveis de serem propostos ao reconhecimento do Outro (LACAN, 1962-63/2005, p.134). Em outras palavras:

Quando a relação que se estabelece com a imagem especular é tal que o sujeito fica demasiadamente cativo da imagem para que esse movimento seja possível, é porque a relação dual pura o despoja de sua relação com o grande Outro. (LACAN, 1962-63/2005, p.135).

Esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo do ‘auto-erotismo’- ou sentir falta de si, (...), de uma ponta à outra. Não é do mundo externo que sentimos falta(...), mas de nós mesmos (LACAN, 1962-63/2005, p.132).

Vemos, assim, que a incidência ou não do objeto *a* em sua vertente real está estreitamente relacionada e dependente do estatuto do Outro. Além disso, podemos

destacar a importância da imagem como uma vestimenta ao objeto pulsional. No caso específico das distorções na imagem própria, podemos perceber os sinais da fragilidade deste mecanismo. Tendo separada a imagem do seu corpo qualquer ideia de posse ou controle consciente, pode-se perceber como a libido do psicótico retorna a uma condição de desordem e o ego se vê em risco de aniquilamento. Muitos desses sujeitos passam a evitar o contato com o reflexo de si próprios, ou adotam rituais como repetir o próprio nome ou frases de proteção na tentativa de apaciar sua angústia. Isto sugere que as dimensões do imaginário e do real não foram firmemente ligadas ao simbólico devido a falha da função do Nome do Pai. A irrupção do duplo pode ser compreendida como uma forma de organizar, imaginariamente, o sentido da realidade externa, que é invadida por elementos estranhos a ela, provenientes daquilo que foi foracluído da realidade psíquica.

Ao passo que Freud passa a definir a angústia como uma reação-sinal ante a perda de objeto – seja a mãe, considerada como objeto; o pênis; perda do amor do objeto; perda do amor do supereu – para Lacan (LACAN, 2005, p. 113), a angústia é a tradução subjetiva deste objeto *a* na medida em que é ela que sinaliza os momentos de aparição do mesmo. Por isso ele não se cansa reafirmar ao longo deste seminário que a angústia não é sem objeto. Ela é um sinal relacionado ao que se passa na relação do sujeito com esse objeto. Segundo o autor, “a angústia, (...) não só ela não é sem objeto, como também, muito provavelmente designa o objeto, digamos, mais profundo, o objeto derradeiro, a Coisa” (LACAN, 2005, p. 338-339).

Neste seminário, Lacan (1962-63/2005, p.112) nos auxilia a pensar sobre como os fenômenos do estranho e do duplo podem ser explicados nas psicoses desencadeadas ou não. Ele coloca que os fenômenos estranhos e invasivos do duplo são um indício da entrada do objeto *a* no mundo real, onde ele só faz retornar.

Em formas de psicose do tipo “como se”, primeiramente teorizadas por Helen Deutsch em 1942 no texto no texto *Algumas formas de transtorno emocional e sua relação com a esquizofrenia* e retomadas por Lacan no *Seminário 3*, vemos uma forma de compensação onde o sujeito busca emular o comportamento de pessoas próximas, e onde a “relação emocional com o mundo exterior e com o próprio eu parece empobrecida ou ausente” (DEUTSCH, 1942, p. 413). Podemos considerar este como um exemplo do funcionamento dual como compensação imaginária (LACAN, 1955-56/1988, p.220). Diferentemente da identificação que se dá na histeria, onde há replicação de um único

traço daquele que é objeto de investimento do histórico, na personalidade “como se” se daria uma mimetização integral dos traços do objeto (DEUTSCH, 1942, p.304). Observa-se nesses tipos de psicose sujeitos que podem passar a vida inteira sem jamais enfrentarem uma situação onde ocorra um apelo ao Nome do Pai e que resulte num desencadeamento. São as vezes considerados casos “fronteiriços”, ou confundidos com personalidades simplesmente narcísicas. Deutsch faz uma diferença entre os "indivíduos narcisistas" e os "como se": ao passo que nos primeiros ocorre um bloqueio afetivo, nos segundo há uma tentativa de simular uma experiência afetiva.

É como a *performance* de um ator tecnicamente bem treinado, mas a quem falta a centelha necessária para tornar suas personificações verdadeiras à vida. (...) O mesmo vazio e a mesma falta de individualidade que são evidentes na vida emocional também aparecem na estrutura moral. Completamente sem caráter, inteiramente desembuída de princípios, no sentido literal do termo, a moral dos indivíduos "como se", seus ideais, suas convicções são simplesmente reflexos de outra pessoa (...). Ligando-se com grande facilidade a grupos sociais, étnicos e religiosos, eles buscam, por adesão ao grupo, dar conteúdo e realidade ao seu vazio interno e estabelecer a validade de sua existência por identificação (DEUTSCH, 1942, pp. 303-305).

A autora coloca que é possível que a personalidade “como se” seja uma etapa que antecede um processo de esquizofrenia, designando-os como “esquizoides”, independentemente de haver ou não uma evolução para uma esquizofrenia desencadeada. O desinvestimento da realidade externa torna difícil vislumbrar com clareza se estes casos possuem uma "disposição esquizofrênica ou se constituem sintomas rudimentares da esquizofrenia" (DEUTSCH, 1942, p. 431). Afirma que "estes pacientes não correspondem às formas habitualmente aceitas de neurose, e sua adaptação à realidade é demasiado boa para chamá-los de psicóticos" (DEUTSCH, 1942, p. 431). Entretanto, a concepção de se tratar de uma psicose é atribuída a presença desta "falha do eu" (DEUTSCH, 1942, p. 431), embora seja quase incompatível a admissão de uma psicose a alguém tão bem adaptado.

Miller (1996), ao comentar um caso de personalidade “como se”, os caracteriza como “seres de puro semblante”, incapazes de assumir uma identificação propriamente dita. Em suas palavras:

As identificações, por assim dizer, não se precipitaram no "eu" (*moi*), não há cristalizador algum. (...) Nenhum significante-mestre, nada que venha lhe dar o lastro de alguma

substância, nenhum objeto *a* que preencha seu parênteses (singular substância lacaniana, feita de falta, mas a falta que acaba por ser constante dá a pessoa de um sujeito a ilusão de sua síntese). (MILLER, 1996, p.147-148)

Assim, se pensarmos no modo de compensação identificatória como uma alternativa de equilíbrio e manutenção da estabilidade psíquica, vemos que ele é um mecanismo frágil, onde o sujeito se escora mais no ser do outro do que no seu próprio desejo. Enquanto fenômeno, o duplo que é criado pela via da cópia/imitação seria apenas o princípio de uma regressão a um estágio anterior do funcionamento libidinal, que não deixa de servir como proteção ao sujeito por um período onde algo ainda garante a coexistência dele com o outro num laço. Porém fica aberta a possibilidade deste vir a se tornar por demais consistente e controlá-lo, persegui-lo, invadi-lo. A falta de mediação do simbólico deixa o sujeito sem conseguir alcançar uma separação, preso numa espécie de relação simbiótica, onde em casos extremos o Outro pode vir a se localizar até mesmo dentro do corpo do indivíduo.

Lacan também aponta o caráter precário dessas identificações, fazendo uma analogia delas a um banquinho de três pés, em oposição à maioria, que possui quatro. Refere-se a esses “pés” que sustentam o banco como "pontos de apoio significantes", e diz que esses significantes que sustentam o mundo dos homens modernos e solitários é reduzido, mas admite ser possível um sujeito se manter firme na existência como um banquinho de três pés até um certo momento, "quando o sujeito, numa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre" (1955-56/1988, p. 231).

O delírio seria a etapa posterior, em que a instância do id é que vem a trabalhar no processo defensivo – “tendo o poder de modificar e de perturbar a verdade das coisas” (LACAN, 1955-56/1988, p. 232). Podemos ver o mesmo no artigo de 1924 de Freud.

Na psicose duas etapas podem ser discernidas, das quais a primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez para longe da realidade, enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id. (...) O segundo passo da psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não às expensas de uma restrição com a realidade [recalque] – senão de outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade que não levanta mais as mesmas objeções que a antiga, que foi abandonada. (FREUD, 1924, p. 227)

Podendo estar atrelada ou não ao funcionamento dual, essa é uma nova tentativa de reparação da falta aberta no lugar onde adviria a função do Nome do Pai. Toda a realidade e existência psíquicas do sujeito tornam-se concretamente ameaçadas, e precisam ser reestruturadas através dos remanejamentos do significante, já que a rede simbólica é rompida e o mundo se torna repleto de significados que remetem ao sujeito. A tentativa de cura delirante envolverá o trabalho de elaborar o elemento foracluído em algum tipo de sistema que limite e enquadre a libido em uma nova ordem.

É importante incluir aqui o fato de que o mecanismo do duplo e os delírios são apenas algumas das formas de tentativa de estabilização das psicoses, existem ainda outras formas que serão discutidas em desenvolvimentos posteriores de Lacan e que não foram abordadas neste trabalho.

PARTE IV: ESTUDOS DE CASO

IV.I. Caso E.: psicose não desencadeada e duplo enquanto modelo a um mimetismo

Trataremos neste capítulo de um estudo de caso sobre um analisando em tratamento psicanalítico ambulatorial público há cerca de três anos, com o diagnóstico de psicose não desencadeada.

E. tem 35 anos, é formado em direito, mas nunca exerceu a profissão e mora com os pais. Começo a atendê-lo em abril de 2013. Ele me é encaminhado por outro psicólogo que já o vinha atendendo há cerca de um ano. Este me conta que E. gostaria de ser encaminhado para uma psicóloga, sem explicar o motivo. A única informação que me é fornecida é a de que E. se queixa muito do fato de não conseguir ter uma namorada.

É importante frisar que E. jamais foi atendido por psiquiatras, não tendo portanto sido diagnosticado segundo critérios da medicina psiquiátrica ou feito uso de medicamentos para a solução de seus sintomas.

Em nossa primeira entrevista E. me dá um relato cronológico de seus tratamentos prévios. Já passou por diversos psicólogos desde 2005, quando concluiu a faculdade, e sente que desde então está “mergulhando e se afogando” na realidade. Diz ter perdido muito tempo da sua vida com besteiras, como Internet e séries de TV, e que gostaria de poder nascer de novo e fazer as coisas direito. Depois me relata cronologicamente todas as mulheres com quem se relacionou e com as quais tentou uma aproximação mais profunda, porém, não conseguiu.

O que me parece um ponto central no discurso de E. é a busca exasperada por compreender como funcionam o homem e a mulher. E. possui a certeza de que há uma norma padrão a ser seguida, uma “receita” de como ser homem, e frequentemente busca a desvendar. Por exemplo, em uma sessão onde fala sobre traição, coloca que sabe que um homem jamais deve se recusar a sair com uma mulher, mesmo que esteja comprometido; que para as mulheres tudo é mais fácil, pois são elas que escolhem seus parceiros. Tudo parece se situar em termos de definições pragmáticas, inquestionáveis. E. parece estar sempre certo de que as mulheres sabem exatamente o que buscam, porém escondem isto dos homens.

Sua busca por uma namorada começa por volta de 2011. Essa procura por um relacionamento sério parece conjugar-se com sua meta de encontrar uma fórmula perfeita de um modo de agir infalível para alcançar seus objetivos. Quando não consegue,

reconstrói todos os seus movimentos no processo quase que obsessivamente, tentando identificar o que ocorreu de errado, chegando a pensar que seu azar pode ser fruto de um feitiço que lhe fizeram.

Ao investigar inicialmente como E. se coloca com relação a tais eventos de sua vida, acreditou-se que se tratava de um diagnóstico de neurose obsessiva devido a seu excesso de racionalizações e rituais obsessivos, sua dificuldade em partir para ações, seus pensamentos sistematizados, combinados com um discurso bastante organizado, mas por demais repetitivo, contribuíram para a manutenção desta hipótese diagnóstica durante o primeiro mês dos atendimentos. A grande questão trazida por ele a princípio foi: “por que eu não consigo ter uma namorada?”. Com o tempo, vemos a questão se alterar para “como ser um homem na realidade?”, e fica cada vez mais claro que E. se utiliza do espaço de sua análise para tentar obter de mim indicativos do que seria ou não aceitável para uma mulher. Está colocado incessantemente para ele o enigma dos sexos e este parece insolúvel.

Com o caminhar das sessões fica claro que uma cautela cada vez maior precisa ser tomada por minha parte, visto que seu discurso vai ganhando contornos claros de psicose: certos fenômenos corporais passam a surgir nos relatos, como em suas desconfianças de que sua pele está escurecendo; certos pensamentos invasores, que consomem o analisando, lhe tirando o sono; certa urgência por uma ordenação de sua realidade, tanto a nível físico, dos objetos materiais, quanto a nível psíquico, dos elementos que ocupam sua vida mental.

Uma das características mais marcantes do analisando é sua absoluta falta de expressão ao falar. Não gesticula, seu tom de voz não se altera em momento algum e seu olhar é inteiramente vazio de emoção. Apenas demonstra certo incômodo quando é interrompido com perguntas, que parecem quebrar sua linha rígida de raciocínio - nas primeiras sessões, a minha sensação é de que ele precisa controlar tudo o que será dito ao longo do tempo e que tudo precisa ser relatado numa determinada ordem. Outra característica marcante é se comportar de forma um tanto infantilizada, tal qual um jovem na puberdade, ainda descobrindo a sexualidade, as formas de se colocar em seu meio social.

A ocasião da sua formatura na faculdade é que parece marcar um corte na vida de E. A partir do evento, ele relata que os amigos passaram a se afastar dele, sem que ele

soubesse o motivo ou se mobilizasse para procurá-los. Certa necessidade quase que compulsiva de organização passa a “persegui-lo”, algo que se assemelha a sintomas obsessivos, como colecionar, contar, ordenar, limpar. E. inclusive marca este ano como o momento em que passou a “mergulhar e se afogar”, onde as coisas começaram a dar errado para ele, e este isolamento faz com que fique em casa gastando tempo com bobagens, ao invés de focar-se nos estudos para conseguir sua licença na OAB, como crê que deveria. Até hoje, já tendo prestado o exame para a Ordem cinco vezes, ainda não conseguiu passar.

A passagem para esta posição de “formado” parece promover um tipo de ruptura, de onde começam a surgir suas primeiras dificuldades em adequar-se à realidade. O significante “despreparado” parece indicar bem sua condição, apontando para o ponto onde a função fálica compareceria em uma estrutura neurótica, dando-lhe um anteparo para sustentar essa nova condição, justamente onde algo vem a faltar.

A busca por integrar e organizar novos dados à sua realidade sempre surge em sua análise, através de racionalizações que carregam uma certa lógica, no sentido de “prepará-lo” para o mundo, de checar com a analista se o que pensa e faz é coerente, plausível de acontecer na realidade (entenda-se aqui a realidade do Outro, compartilhada socialmente). O que é marcante é que suas racionalizações ocorrem como algo que é sempre da ordem de uma intromissão em seus pensamentos, que mobiliza bastante energia do analisando. Ele faz analogia a *hackers*, que estariam invadindo sua mente, fazendo-o devotar 95% de seu *HD* para questões sem importância. Relata muitos pensamentos e lembranças recorrentes, como memórias de infância, de uma série de pessoas e personagens de seu passado, e também de cenas de filmes, comerciais e falas de jogos de videogame, entre outros.

Tudo isto, somado aos fracassos profissionais e amorosos que vem sofrendo, se coaduna para E. chegar à conclusão de que lhe fizeram algum tipo de feitiço, que há alguém de fora controlando esses eventos – conforme a realidade desaponta suas expectativas, essas ideias assumem força crescente – apesar desse Outro ainda não ser nomeado.

A partir daí, as questões que passa a me levantar são: “Isto é loucura? Isto pode ser verdade ou é coisa da minha cabeça?”. Fica claro que o analisando consegue manter um nível de organização que ainda o possibilita se questionar quanto as mudanças de sua

vida e de sua mente. Para ele, a função da terapia parece se localizar aí: como um lugar de auxílio, onde suas constantes “maquinações” parecem ser, de algum modo, “freadas”, onde “o que não cessa de não se escrever” (o real do sexual, os enigmas impostos pela realidade) parece de algum modo se organizar.

No caso de E. a relação com os objetos que escolhe não parece ser da ordem da possibilidade de dar ou conseguir algo que lhe falte. Isto não é posto em questão. Com estes objetos, parece manter uma relação imaginária, onde não é demarcada uma diferença no campo do Outro. O que E. imagina que as mulheres sejam e pensem é verdadeiro para ele, o que torna impossível a tarefa de se dialetizar essas posições. Com essa dificuldade é que E. vai se deparando na medida em que as mulheres que deseja não dizem para ele o que verdadeiramente querem, e se o rejeitam, o fazem em meias palavras, que ele não pode compreender. Só aí que vemos surgir certo inconformismo em E.: não devido à impossibilidade de tê-las, mas à impossibilidade de compreender alguns sinais que lhe são dados. Chega a acusar as mulheres de mentirosas, porque elas não lhe dizem com todas as letras: “eu não quero nada com você”, “pare de me procurar”. Para ele, isto seria muito melhor do que um dúbio “não quero namorar ninguém no momento”, que por ele é interpretado como a possibilidade de aguardar até que a moça queira namorar.

Um fato curioso é que a posição de E. é a de certeza de que ele poderia namorar com quem quisesse. Sua auto estima parece a tal ponto inabalável que em uma ocasião onde consegue sair com uma mulher que o deseja muito, mas cuja aparência não lhe agrada, ele diz: “eu não sou um lixeiro, sei que posso conseguir coisa melhor”. Porém, admite que gostaria de ser como certos homens que já conheceu, que refletem um ideal seu: a figura do “homem galinha”, que de antemão sabe das regras do jogo da conquista, e manipula as mulheres para conseguir o que quer.

Passa-se a trabalhar, então, com a hipótese de que o analisando possui uma personalidade “como se”, e que o tratamento gira em torno da tarefa do analisando de situar o desejo do Outro, cujo desconhecimento é o que lhe causa angústia. Segundo Lacan, o desejo do Outro produz o sinal da angústia, na medida em que “o que o Outro solicita é a minha perda, para se encontrar aí” (LACAN, 1962-63/2005, p.169). O que angustia diante do Outro é a ameaça de que este pretende apoderar-se do sujeito, incorporando-o, devorando-o. Enquanto E. mapeia o que podem querer um homem e uma mulher na realidade, ele parece tentar encontrar um certo domínio sobre essa questão,

porém percebendo que ao apenas emular o que lhe parece ser exigido, ele jamais encontra-se imune de outros fenômenos que vão surgindo em sua realidade, bem como não escapa a um sentimento de perplexidade que pode vir anunciar um desencadeamento.

Segundo Lacan, "a imagem especular torna-se a imagem do duplo com aquilo que ela traz de estranheza radical, (...) fazendo-nos aparecer como objeto ao revelar-nos a não autonomia do sujeito" (LACAN, 1962-63/2005, p.58). Lacan descreve o instante do *Unheimlich* como aquele onde "meu desejo entra no Outro sob forma do objeto que sou, e me exila de minha própria subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada" (LACAN, 1962-63/2005, p.58-59).

Logo, o que causa estranhamento é o fato de que o sujeito se encontra à mercê do desejo do Outro, e nas psicoses, isso pode ser ainda mais invasivo do que nas neuroses, onde a fantasia poderia produzir uma barreira contra a invasão deste desejo. Na psicose esta barreira falha e o sujeito está sempre em vias de se tornar objeto de gozo do Outro. Assim, vemos E. buscar em sua análise formas de localizar esse desejo do Outro como modo de defesa juntamente à emulação de comportamentos de pessoas próximas.

Segundo Rabinovich (1993), Lacan afirma que o duplo pode ser uma forma particular da aparição do objeto *a* na cena fantasmática. Este momento de aparição de *a*, que é remetido ao *Unheimlich*, é justamente aquele em que o fantasma não tem mais a dimensão de jogo, o lúdico, que é a possibilidade do sujeito continuar na cena (*heim*): "O problema surge quando a encenação começa a funcionar sozinha, funcionamento que seria já um modo de definir, de maneira bastante exata, o sinistro, o inquietante" (RABINOVICH, 1993, p.94.). Temos então uma angústia em nada referida ao recalque e à castração, e sim relacionada ao objeto *a*, revelando algo de impossível, do qual o nem o simbólico nem o imaginário podem dar conta.

Ao começar a estranhar sua própria imagem no espelho e suspeitar que sua pele está adquirindo outra cor, podemos pensar que E. percebe sua própria imagem como um duplo, algo externo à sua realidade. Podemos articular este fenômeno a uma ruptura na sustentação da imagem do eu. Apesar da estabilização alcançada, a compensação imaginária não é suficiente para organizar a imagem do corpo e lhe dar consistência e unidade que não são dadas somente pelo imaginário, mas também pelo simbólico através da incidência do Nome do Pai. Essa imagem de um Outro no espelho faz E. supor que o

gozo deste Outro pode vir a representar o seu próprio aniquilamento, na medida em que se apresenta como um grande enigma, desprendido da realidade enquanto simbolizável.

No surgimento da angústia, o sujeito se eclipsa, deixando em seu lugar apenas o objeto causa de seu desejo, o objeto *a*, aqui figurado neste espelho vazio, na moldura vazia deste vidro inerte. É o olhar petrificado, o nada-de-significante em sua correlação com o nada de sujeito. (BAAS, 2000, p.281.)

Quanto à sugestão de que esse fenômeno elementar de mudança de cor do analisando possa já ser considerado como parte de um delírio, concluímos com Lacan que não, que este só existe como se fosse o sintoma da estrutura, não podendo ser tomado isoladamente. Lacan aponta uma homologia entre o fenômeno elementar e a estrutura do delírio, afirmando que ambos têm uma mesma força constituinte, porém não são sinônimos (LACAN, 1955-56/1988, p. 28).

Laurent (1993) propõe que é possível considerarmos o aparecimento do fenômeno elementar acompanhado de uma experiência enigmática em um período anterior ao surto. “Essa experiência enigmática dos fenômenos elementares que precedem o desencadeamento que torna legítimo falar de psicose não desencadeada” (LAURENT, 1993, p.47). Apesar do fenômeno elementar e o delírio carregarem a mesma estrutura, Laurent sinaliza que se faz presente uma diferença entre se ter um fenômeno enquistado durante muitos anos e se ter um delírio propriamente desenvolvido, pois é crucial considerar a marca diferencial da experiência descontínua do desencadeamento. Além disso, é importante notar que nenhum dos fenômenos é acompanhado de um caráter de certeza incontestável para o analisando de algo que o concerne.

Nos próximos dois estudos de caso apresentaremos experiências de psicoses desencadeadas em busca de melhor ilustrar como os duplos comparecem na ocasião de um surto propriamente dito.

IV.II. Caso Aimée: psicose desencadeada e duplos perseguidores

Em 1932, Lacan produziu sua tese de doutorado – que contém o estudo do Caso Aimée, no qual investigou um caso de paranoia de auto punição –, e, embora não tenha feito um trabalho psicanalítico propriamente dito com a paciente em questão, neste primeiro trabalho já dava sinais de que se utilizava da psicanálise para compreender os mecanismos em jogo no quadro delirante da paciente.

Nesta fase de suas formulações, ainda bastante influenciadas pela psiquiatria, o que estaria em jogo no caso em questão para Lacan seria algo na ordem da personalidade, e que as “manifestações humanas, para que sejam relacionadas à personalidade, devem implicar: desenvolvimento biográfico, concepção de si mesmo, tensão das relações sociais”, e enfatiza que “todo sistema de personalidade deve ser estrutural” (LACAN, 1932/1987, p.38). Toma de empréstimo de Kraepelin a noção de que a origem da psicose remete ao núcleo das funções da personalidade: conflitos vitais, elaboração íntima desses conflitos, reações sociais. Assim sendo, o delírio não deve ser interpretado somente como oriundo de um mal orgânico ou de heranças de ordem genética:

Um delírio (...) não é um objeto da mesma natureza que uma lesão física, que um ponto doloroso ou um distúrbio motor. Ele traduz um distúrbio eletivo das condutas mais elevadas do doente: de suas atitudes mentais, de seus juízos, de seu comportamento social. Além do mais o delírio não exprime este distúrbio diretamente; ele o significa num simbolismo social. Este simbolismo não é unívoco e deve ser interpretado (LACAN, 1932/1987, p.97).

Estas pequenas indicações na tese de Lacan servem para ilustrar como estaria direcionada sua abordagem dos problemas clínicos a partir de então: o foco numa estrutura, que sofreria conflitos que se expressariam conforme uma doença que conteria um simbolismo o qual deveria ser interpretado. Mais tarde, o aspecto social torna-se aquele que se refere à linguagem como lugar do simbólico.

No caso em questão vemos uma paciente, que em realidade se chamava Marguerite Anzieu, que chega ao internamento psiquiátrico no Hospital Saint-Anne após cometer uma tentativa de assassinato contra Huguette Duflos, uma famosa atriz da França no ano de 1931. Antes dessa internação Aimée passara dois meses numa cela policial em Saint-Lazare, logo após a tentativa de homicídio.

O que causa estranhamento nas narrativas sobre o acontecimento é que, das

primeiras manifestações do delírio de perseguição da paciente – que afirmava estar sofrendo com as constantes difamações proferidas pela atriz a seu respeito e precisava tomar providências a esse respeito –, ao período de prisão e interrupção das interpretações delirantes, se passa muito pouco tempo. Logo, o caso não parece seguir o mesmo percurso de reestruturação de toda a ordem da realidade, como em casos mais graves de psicose. Do momento em que a paciente comete o atentado e é colocada em isolamento, seu delírio desaparece e ela parece adquirir um enorme senso crítico quanto às suas ações e afirmar que havia fabricado todas as ideias de perseguição. Sua atitude era de remorso e humildade, como se seu ato e o castigo recebido tivessem operado um efeito quase que curativo em sua psicose. Ela era descrita pelos profissionais que a atendiam no hospital como uma mulher calma, trabalhadora e que buscava frequentemente sua alta junto ao médicos. Obteve essa alta apenas em 1943, 12 anos após o seu crime, e até o seu falecimento, em 1981, não passou por mais nenhuma internação.

No período anterior ao surto, vemos Aimée funcionar eminentemente orientada aos seus duplos. Falaremos brevemente sobre cada um deles na tentativa de ilustrar a transição entre as fases de estabilidade, de pré-psicose e de desencadeamento, e o que as poderiam ter ocasionado, utilizando a tese de Lacan e alguns de seus comentadores.

Primeiramente vemos como um duplo que lhe serve como modelo a irmã de Aimée, que a cria em seus primeiros anos de vida, e com quem possuía uma relação de rivalidade. Aimée era a quarta filha de um casal de camponeses que teve um total de sete filhos. Nasceu em 1892, logo após a morte de duas irmãs: a primogênita que morreu queimada aos 5 anos (em 1890), e uma outra irmã que já nascera morta um ano antes de nascer Aimée. Apesar de Aimée ter uma ligação bastante forte com a mãe e receber um tratamento privilegiado desta, é sua irmã mais velha, Elise, que assume a tarefa de sua educação.

Aimée recebe uma educação melhor que a dos irmãos, e demonstra interesse em encontrar uma vocação elevada frente a seus familiares. Ela voluntariamente opta por sair da casa dos pais e ir morar com a irmã Elise e o tio (com quem ela era casada) para poder trabalhar no serviço postal de uma outra cidade. Nessa época se apaixona por um poeta, seu primeiro amor, com quem tem sua primeira relação sexual. Aimée sofre uma grande decepção ao saber que o poeta era na verdade um sedutor que havia feito uma aposta com amigos de que poderia conquistá-la. Porém, mesmo após se mudar desta cidade, passa

ainda três anos se correspondendo secretamente com este homem, que nesse período se torna objeto exclusivo dos pensamentos de Aimée, que então já demonstra traços de erotomania (LACAN, 1932/1987). Esse interesse repentinamente se transforma em ódio, e mesmo “mais tarde, quando passar ao ato contra Huguette Duflos, ela com 38 anos, ainda conserva uma atitude muito hostil frente a esse primeiro amor” (LACAN, 1932/1987, p. 225).

Aimée se muda novamente de cidade para um novo emprego onde conhece a Sra. C de la N., jovem de família aristocrática por quem ela também se sente bastante atraída e de quem se torna uma fiel amiga. Essa senhora C. de la N. parece ter grande influência sobre a vida de Aimée, que a considerava especial, diferente de todas as outras mulheres, por demonstrar um ar de superioridade social e moral frente a todos. Foi através dela que ouviu falar pela primeira vez de Huguette Duflos, que se tornará a perseguidora maior de Aimée futuramente. Lacan descreve C. de la N. como o “reflexo invertido de Aimée no espelho” (LACAN, 1932/1987, p.224-225), como se Aimée buscasse se regular pela imagem da amiga, embora resguardasse dentro de si um “jardim secreto”. D. Laurent (2002) comenta que a relação com a amiga vai inscrever-se no mesmo registro que o da relação com a irmã, e que os eixos que aí operam são os do imaginário e do ego ideal.

Aos 25 anos Aimée se casa com um colega, René Anzieu, também por influência da amiga C. Lacan dirá que este oferecia “equilíbrio moral e segurança prática”, e Aimée justifica sua escolha por René afirmando que: “Se eu não o pegasse, outra pegaria”. Datam deste período as primeiras modificações no comportamento de Aimée, que se torna cada vez mais calada e tomada por ciúmes. Lia muito, tinha explosões de riso, sofria de frigidez e adquiriu uma fobia por sujeira, que fazia com que lavasse as mãos compulsivamente. Arriscaríamos dizer que a posição de casada já começa a desencadear um período de pré-psicose em Aimée. A situação se complica quando sua irmã Elise se muda para a casa do casal oito meses depois do casamento, o que Lacan descreve como um acontecimento decisivo na vida de Aimée.

O convívio com a irmã era difícil, pois esta possuía uma atitude dominante na família, dava palpites e sempre se posicionava contra Aimée, que se sentia inferior e humilhada frente à Elise. Ainda assim, Aimée apenas elogiava as virtudes da irmã, jamais demonstrando contra ela nenhum sinal de hostilidade. Lacan se questiona sobre a causa dessa tolerância por parte de sua paciente. Se Aimée já possuísse tendências a uma paranoia, a posição invasora da irmã em sua casa poderia já ser um fator preponderante

para um desencadeamento de sua psicose, porém isso não ocorre. Lacan observa que foi a combinação da autoridade da irmã e da luta silenciosa contra seus impulsos hostis que conferiu à psicose de Aimée um caráter particular. Segundo ele, “ela é dominada pela imagem mesma do ser que ela é impotente para realizar, como o fora sua amiga, a intrigante refinada” (LACAN, 1932/1975a, p. 232).

Três anos depois, aos 28 anos Aimée fica grávida de seu primeiro filho. Este sim é um marco que será o primeiro desencadeador de um surto psicótico. Durante a gravidez começam a surgir ideias delirantes de que as pessoas estavam falando sobre sua vida, a caluniando, conspirando contra ela (especialmente seus colegas de trabalho). Aimée interpretava essas ideias também de forma delirante: pensava que se seu filho não sobrevivesse a culpa seria dos colegas, tinha pesadelos, passou a agir de maneira agressiva para com o marido, acusando-o de traição. Tragicamente e para piorar seu quadro geral, sua filha nasce morta em decorrência de um enforcamento pelo cordão umbilical, como que confirmando as ideias delirantes de Aimée.

Surgem novas ideias delirantes, desta vez contra a amiga C. de la N. Aimée atribui a ela a culpa pela morte de seu bebê por causa de um telefonema que C. teria feito para sua casa após o parto para saber se estava tudo bem com Aimée. Sua atitude é de desconfiança, e a amiga passa a ser sua perseguidora. É neste momento que a mãe de Aimée passa também a delirar, atribuindo a morte de um dos animais de sua fazenda a uma vizinha. Alguns dos comentadores do caso entrevem nesses eventos marcas de um quadro de *folie à deux*, devido à semelhança entre o conteúdo dos delírios da mãe e da filha.

Dois anos depois, aos 30 anos, Aimée engravida novamente. Durante a gestação continua tendo interpretações delirantes, se mostrando deprimida, angustiada. Com o nascimento do filho, se torna superprotetora, acreditando que tudo e todos constituem uma ameaça a vida do bebê. Alguns meses depois, Elise assume os cuidados com a criança – é importante demarcar que ela não podia ter filhos e obtinha grande satisfação cuidando do filho da irmã. Nessa mesma época o marido de Aimée descobre que sua esposa havia solicitado um passaporte e desejava se mudar para os Estados Unidos. Observa-se uma piora em sua condição quando ela se demite do emprego e decide tentar a sorte como romancista, afirmando fazê-lo pelo seu filho. É, então, internada pela primeira vez.

Durante os 6 meses de internação, Aimée demonstra ideias persecutórias e ideias de grandeza, de que era uma grande romancista, de que queriam roubar o seu filho, que seria um grande embaixador. Busca por meio de correspondências a ajuda de um escritor para que ele denuncie a injustiça que ela vinha sofrendo. Ela recebe alta sem estar curada, e após sair do hospital se muda para Paris, para estudar e trabalhar, viajando nos fins de semana para visitar o filho que permanecia sob os cuidados da irmã e de seu marido, René.

Não há interrupção no quadro delirante, e vemos essas ideias tomarem proporção cada vez maior nessa época. Aimée sente que através de sua escrita tem a missão de denunciar os pecados e excessos dos artistas, poetas e jornalistas, que estes constituem uma classe desprezível que só vive em busca de glória e prazer. Vemos claramente que Aimée projeta nesses personagens tudo o que não pode reconhecer como parte de seu próprio ego, visto que ela também dizia ter uma vocação superior, uma admiração pela literatura, pelas atividades intelectuais. Essas características vão se fundindo e sendo atribuídas a uma série de duplos perseguidores, que eram culpados de corromper a sociedade.

Junto a isso acredita ser eleita para realizar “o reino do bem”, “a fraternidade entre os povos e as raças”, através da eliminação dos artistas que “exploram as misérias que eles próprios desencadeiam”. Confessa aos médicos a ideia subjacente a sua afronta: “Isso devia ser o reino das crianças e das mulheres. Elas deviam estar vestidas de branco. Era o desaparecimento do reino da maldade sobre a Terra. Não devia haver mais guerra. Todos os povos deviam ser unidos. Isso devia ser belo”. Para isso, almeja ser do governo, ser escritora, cientista, tudo como uma tentativa de proteger o filho e a humanidade (LACAN, 1932/1987, p.163-164).

Permanece a ideia de perseguição pela amiga C. de la N. Ainda que Aimée desconfie que a irmã tenha raptado seu filho para o interior, não profere críticas quanto a mesma. Inclui a essa série de perseguidoras as artistas Huguette Duflos, Sarah Bernhard e Colette, que, segundo Lacan, representavam em alguma medida a imagem do ideal do ego de Aimée. No topo da lista estava Huguette Duflos. Acreditava que a atriz estava proferindo injúrias contra ela, de que seria uma “mãe criminosa”. Um fato interessante é que Aimée admite que, antes do delírio, certa vez falou mal da atriz no escritório, dizendo que ela era uma vagabunda (LACAN, 1932/1987, p. 162). Lacan conjectura que Aimée estaria deslocando a terceiros críticas que na verdade se dirigiam a sua irmã, Elise. Outro

dado que poderia ser tido como condenável por Aimée era o fato de Elise ter sido desposada pelo próprio tio. Ou poderia essa ideia da mulher vulgar e criminosa estar ligada a própria mãe de Aimée, que tinha muitos filhos e inclusive “permitiu” que dois falecessem? Um importante fato ainda não mencionado é que Aimée recebeu o mesmo nome de uma das irmãs falecidas, Marguerite. Ao longo de sua segunda internação ela menciona arrependimento por ter saído de perto da mãe, e esta também volta a delirar assim que a filha é hospitalizada novamente – acreditando que os seus vizinhos seriam todos culpados pelo que passava Aimée. Em suma, há uma série de duplos relacionados à série mãe-filha, mulher-esposa que participam do delírio de Aimée.

O aspecto da erotomania é mais uma vez ressaltado pelo fato de Aimée nutrir uma paixão pelo príncipe de Gales. Enviava para ele um soneto por semana e pedia sua proteção, todos anonimamente. D. Leader (2011, p.266) interpreta que esse sentimento era um deslocamento do mesmo elo que possuiu com seu primeiro amor, o poeta sedutor com o qual Aimée se correspondeu por 3 anos mesmo após o fim da relação entre eles. Um outro destinatário de seus pedidos de ajuda era um famoso editor, Pierre Benoît, a quem ela também transforma em perseguidor em seu delírio. Não é sem motivo sua aversão às pessoas do mundo literário, que, a seu ver, a impediam de cumprir suas missões de denúncia.

Lacan busca investigar o sentido do delírio, e interpreta a tentativa de assassinato cometida por Aimée como uma agressão a si mesma, à sua imagem ideal externalizada numa outra mulher. Daí o apaziguamento de sua condição após ter sido presa, visto ter sido resolvida a sua ambivalência e agressividade com uma passagem ao ato. Quanto a seu delírio, Aimée se pergunta: “Como posso ter acreditado numa coisa dessas?”, e os temas de megalomania e erotomania também lhe parecem absurdos. Vimos anteriormente como Lacan se refere a esses sentimentos ambivalentes com relação ao outro como originados na constituição do eu. Dentro do quadro delirante vemos os aspectos da relação do sujeito com o imaginário, com o simbólico e com o real – via duplos, via série dos perseguidores, via ideias delirantes.

A punição que ela recebe, de ser encarcerada e separada de seu filho, realizam algo que seu superego já vociferava há muitos anos: que ela não era uma mãe digna, de que seu filho corria perigo. Embora o delírio se estruturasse no nível das representações dessas ideias, a passagem ao ato como que reorganiza as mesmas num quadro onde Aimée pode se reposicionar com relação ao Outro invasor (os intelectuais, as mães frívolas, ...).

Lacan considera que "a ausência de qualquer relação real entre elas (as perseguidoras) e a doente colocam bem em evidência sua significação puramente simbólica" (LACAN, 1932/1987, p.253). É também assinalado que a paixão de Aimée pela escrita e pela criação podem ser compreendidos como uma outra forma de barrar o gozo do outro.

É importante destacar que, embora o conflito de Aimée com seus duplos possa ser tratado como marcantes nessa psicose, nem sempre esses conflitos resultam em um desfecho delirante como o da paciente. Por muitos anos Aimée se manteve bastante organizada, dedicada aos estudos, ao trabalho, tendo sempre a irmã ou a amiga C. como modelos de virtude, nos quais tentava se espelhar. Porém vemos que, no momento da construção delirante, esses duplos facilmente tornam-se perseguidores.

Lacan aponta que a situação conflitiva que se repete na vida do sujeito e produz a forma particular da psicose pela qual ele será afetado e desenvolverá seus sintomas apenas "é determinante da estrutura e da permanência dos sintomas" (LACAN, 1932/1987, p.355) e não a sua causa. Porém tais conflitos, segundo Ogilvie (1987/1991, p.83), podem se encontrar em vários outros sujeitos que não necessariamente serão psicóticos. Assim, abordamos esse caso como uma maneira de exemplificar o funcionamento dual antes e após o desencadeamento, sem o intuito de afirmar que em toda situação similar o desfecho seria o mesmo.

Para Lacan, a gênese da psicose de Aimée residia em sua relação com a mãe e a irmã. Como sua criadora, a irmã exercia um papel invasivo e insuportável, e seu laço com a mãe já era por demais estreito para suportar a participação deste terceiro. O modo de lidar com esse incômodo era a projeção: todo conteúdo censurável de sua mente era tomado como vindo de fora. Seu desejo de atacar a irmã se transformou num irrefreável ataque de seus perseguidores.

A ambivalência afetiva em relação à irmã organizou todo o comportamento autopunitivo do caso Aimée. Se, durante seu delírio, Aimée transferiu para diversas figuras sucessivas as acusações de seu ódio amoroso, ela o fez no esforço de se libertar dessa primeira fixação; o esforço, entretanto, viria a fracassar: cada um de seus perseguidores, na realidade, não era nada menos que uma nova imagem – sempre inteiramente cativa de seu narcisismo – dessa irmã que nossa paciente havia transformado em seu ideal (LACAN, 1933, p.26-27)

Jean Allouch (1997) propõe uma outra interpretação. Ele destaca mais a relação

de Aimée com a figura materna, as coincidências dos momentos de delírio das duas. Rememora a morte da irmã pouco antes do nascimento de Aimée e que esta recebera seu nome. Assim, os temas do perigo de vida do filho, da mãe culpada e do intuito de salvar uma criança que Aimée repetia tomam um outro sentido. A construção delirante gira em torno de um futuro onde as mulheres e crianças possam viver em paz, como se a tragédia sofrida por sua mãe retornasse em seu delírio.

Para o autor, o fato de Aimée atacar a sexualidade de outras mulheres e só começar a delirar quando engravida pela primeira vez, comprova que o tema da sexualidade materna era proeminente, e que o filho vinha simbolizar isso. A mãe ter engravidado de Aimée brevemente após a trágica morte de uma filha realmente parece sugerir que Aimée é concebida durante esse luto e ainda é incumbida de substituir o papel da criança falecida, recebendo seu nome – ideal a ela imposto e que de fato, passou a persegui-la, por se tratar de uma missão impossível. Assumir o lugar dessa criança morta seria, ao mesmo tempo, livrar a mãe da responsabilidade por esta morte. Em suma, para Allouch (1997), o tema principal dos delírios seriam a responsabilidade materna diante da morte de um filho. Inclusive atribui como causa da cura súbita de Aimée, não a punição de ser presa, mas o fato de que a mãe também entra em surto, como que assentindo em receber a mensagem contida no delírio de sua filha.

Há ainda interpretações de outros autores que se fundamentam mais nas figuras masculinas da vida de Aimée, e chamam atenção à impossibilidade de inscrição do Nome do Pai e da norma fálica, trazidos à tona sempre em decorrência das gestações. São interpretações também válidas, mas não pretendemos nos estender muito para além do nosso tema. Nesse caso apenas gostaríamos de destacar como o duplo pode se transformar em uma série de duplos e o quanto esses podem passar rapidamente de figuras modelo a figuras perseguidoras na psicose paranoica.

IV.III. Caso Irmãs Papin: psicose desencadeada, delírio a dois e duplos perseguidores

Cristine e Léa Papin, empregadas domésticas de 28 e 21 anos, respectivamente, receberam atenção de toda a França ao cometerem um duplo homicídio contra sua patroa e a filha desta em 1933. O que mais chama atenção no crime é aparente ausência de motivos para ele. Um simples ferro de passar roupa que entra em curto circuito parece ser o único fator desencadeante de uma série de ações desmedidamente cruéis, a tal ponto que o ocorrido veio a repercutir em todos os meios de comunicação e causar comoção pública na época.

Com a pane elétrica do ferro de passar, a casa na qual trabalhavam estava numa completa escuridão, quando Geneviève e Cécile Lancelin, mãe e filha, chegam em casa e são atacadas pelas irmãs. Nas palavras de Lacan:

Cada uma delas subjuga a sua adversária, arrancando-lhe, em vida, os olhos da órbita - fato inédito, dizem os anais do crime - e a espanca. Depois, com a ajuda do que encontraram, martelo, pichel de estanho, faca de cozinha, elas se encarniçam no corpo de suas vítimas, esmagam-lhes as faces, e, deixando à mostra o sexo delas, cortam profundamente as coxas e as nádegas de uma para ensanguntar as da outra. Lavam, em seguida, os instrumentos desses ritos atrozes, purificam-se a si mesmas e deitam-se na mesma cama: “agora está tudo limpo!” Esta é a fórmula que trocam e que parece dar o tom de desilusão, esvaziado de qualquer emoção, que a elas sucede a orgia sangrenta (LACAN, 1932/1987, p.382).

Ao serem levadas à delegacia para depor se mostram serenas e não sabem como justificar as atrocidades cometidas. Antes do crime sempre foram ótimas empregadas e jamais deram sinal de instabilidade emocional ou hostilidade para com os patrões. Mas embora não possuíssem uma razão para cometer seus crimes, fazem questão de compartilhar a responsabilidade por eles.

Três diferentes médicos as examinam e não encontram qualquer sinal de delírio, nem de demência, sem qualquer perturbação atual psíquica nem física. Um dos psiquiatras descreve que as irmãs formam “um extraordinário duo moral”, sendo “a personalidade da jovem absolutamente aniquilada pela mais velha” (DUPRÉ, 1984, p. 90). Há apenas a suspeita de que fossem perseguidas e de uma perversão sexual sádica. Surge a desconfiança de que Christine seja homossexual, quando mais tarde na prisão

afirma que deve ter sido marido de Léa em vidas passadas. Lacan (1933/1987, p.387) não esclarece se se trataria de uma psicose paranoica ou esquizofrênica, apenas diz que ambas sofriam de um delírio compartilhado.

A hipótese de perseguição é levantada tendo em vista que Christine e Léa, dois anos antes dos assassinatos, foram a prefeitura queixar-se de que estavam sendo perseguidas por várias pessoas. Uma investigação posterior não comprova essas alegações (DUPRÉ, 1984, p. 147). A hipótese de perversão sexual sádica advém do fato delas terem deixado expostas e mutilado as genitálias de suas vítimas.

Após serem presas, a imprensa descreve que o encarceramento “entristeceu Léa e exasperou Christine” (DUPRÉ, 1984, p. 47). Christine, no segundo interrogatório, diante do juiz de instrução, “nega sempre a premeditação, mas reconhecendo que é culpada e merece um castigo, repetiu, empertigando que esperava ser guilhotinada” (DUPRÉ, 1984, p. 47). Ambas vão deixar de se alimentar, “recusam-se mesmo a deitar, e ficam sentadas no leito” (DUPRÉ, 1984, p. 47).

O próximo fato que sabemos vem do manuscrito de Lacan (1933/1987, p.383). Ele conta que cinco meses após sua prisão, Christine começa a dar francos sinais de ter entrado em um novo surto, mostrando grande agitação, alucinações aterradoras (como a visão de Léa morta) e tenta em vão arrancar os próprios olhos, tendo que ser contida em uma camisa-de-força. Começa a se exhibir eroticamente, e logo após entra num quadro de depressão, recusa de alimentos, auto-acusação, atos expiatórios e diz frases de significação delirante. Com o fim do julgamento, ela é condenada à cadeira elétrica e a irmã mais nova, a trabalhos forçados.

Analisaremos então um pouco da história das irmãs em busca de identificar como o duplo estaria nela presente e se este pode ter alguma relação com o crime por elas cometido. Christine e Léa só viviam juntas, se assemelhavam na aparência, na forma de se vestir e eram bastante reclusas em seu próprio universo. O patrão e o prefeito as descreve como bizarras. Segundo um dos comissários envolvidos na investigação:

As irmãs Papin são pouco conhecidas, nunca dirigem a palavra a qualquer vizinho, nem mesmo às domésticas das casas vizinhas. Eram consideradas como trabalhadoras limpas e sérias, mas de caráter taciturno e sombrio. A conduta de Léa e Christine nunca dera lugar à crítica. Todo domingo, iam à missa das 8 e meia, na catedral. Não frequentavam nem os bailes, nem o cinema, delas não se conhecia qualquer ligação (DUPRÉ, 1984, p. 147).

Filhas do casal Clémence e Gustave Papin, Christine e Léa tinham também uma irmã mais velha que elas, Émilia, que terá um papel relevante em suas histórias. Todas as filhas foram logo cedo deixadas aos cuidados de terceiros. Cristine com um mês de vida apenas, vai ser criada por uma tia, irmã do pai, e por ele. Algum tempo depois a mãe a retira deste lar ao saber que Émilia teria sido abusada pelo pai. Nesta época acontece o nascimento de Léa, o casal se divorcia e Christine é mandada para um lar religioso onde Émilia já residia. Até então, Christine não conhecia Émilia, que era considerada rebelde, insubordinada. Clémence, em uma carta sobre Émilia, diz: “espero que eles a dominem, ela tem o diabo no corpo” (SEPEL, 1995, p. 84). Émilia opta pela vida religiosa, e parece inspirar Christine, que almeja o mesmo futuro já aos 15 anos. A mãe é contra essa ideia e passa a buscar empregos como doméstica em lares de família burguesa para Christine. Várias vezes ela tenta retornar ao lar religioso, mas a mãe sempre interfere como um obstáculo.

Marie-Magdeleine Lessana (2010) irá comentar o caso e interpretar que a escolha de Christine “tornar-se religiosa” equivaleria à renúncia de uma sexualidade procriadora e, acima de tudo, à entrada no domínio de “uma outra lei, diversa daquela da mãe” (LESSANA, 2010, p. 362). A autora esclarece que Christine ocupa um lugar especial no desejo da mãe. Esta “a coloca durante toda a vida na presença de uma “irmã Papin” (LESSANA, 2010, p. 363). A primeira “irmã é sua tia Isabelle (irmã do pai). Em seguida, Émilia, (irmã mais velha e religiosa, chamada, no círculo da Igreja, “irmã”). E Léa vai acompanhá-la sempre nos mesmos lugares, sob seus cuidados, como uma tentativa da mãe de manter Christine em uma proximidade familiar, com “o calor de uma irmã interpondo-se às influências educativas, afetivas e eróticas dos outros que se aproximam” (LESSANA, 2010, p. 363).

Clémence muda as filhas de casa quando sente que pode perder o poder sobre elas, justificando serem as condições de trabalho inadequadas. É ela quem recebe o pagamento das filhas, mas embora participe desses pormenores, Clémence não se ocupa delas. Apenas controla com atitude rigorosa a higiene e modo de se vestir das filhas, exigindo destas uma apresentação sempre perfeita. É relatado que demasiado controle poderia ser um sinal de que a mãe sofria de ideias persecutórias sobre a perda das filhas.

Quanto à relação entre Christine e Léa, estas eram unidas e a mais velha devotava seu amor à mais nova. A mãe confiava nos cuidados de Christine. Em seu tempo livre se

trancavam em seu quarto e bordavam juntas. Mantinham sua toailete em uma mala especial, um traço de obediência e união silenciosa com a mãe, que sempre visitavam aos domingos. Lacan enfatiza que “não existia distância entre elas para se ferirem”, e que a pulsão agressiva de uma jamais poderia se voltar contra a outra, visto serem quase que como um mesmo ser, ou um “casal psicológico” (LACAN, 1933/1987, p.388). Já Jean Allouch (1984, p.242) interpreta que, ao cometerem o duplo homicídio, “não apenas as irmãs atacaram imagens, mas atacaram ‘a si mesmas’, ‘almas siamesas’, tendo atacado também o par mãe-filha”.

A irmã mais velha, Émilia tem um papel de importância para Christine, por ter se emancipado da mãe e se tornado irmã no lar religioso. No período em que viveram juntas no local, Colette Sepel (1995) ressalta que Christine apresenta, “fenômenos elementares, manifestações de angústia, despersonalização, tremores e vazios interiores, estranheza de suas mãos e de seu corpo, que não reconhece mais como seu” (SEPEL, 1995, p. 84). Ela é protegida e tranquilizada por Émilia, que se torna objeto de amor e “mulher ideal”, segundo a autora.

Por não conseguir viver junto à Émilia, Christine se resigna ao trabalho. Cativa do desejo materno, começa a demonstrar novos sintomas: rituais de limpeza, irritação compulsiva com objetos que resistem a ela, tentativa de pôr ordem em seu universo. Seu humor piora, seu caráter se torna cada vez mais sombrio e não tolera qualquer observação, por menor que seja, seja dos patrões, seja de sua mãe. Sente-se visada por qualquer observação, como se tratasse ‘de um olhar duplicado por uma injúria’ (SEPEL, 1995, p. 85).

Ao atingir a maioridade, Christine, já trabalhando na casa dos Lancelin (onde ocorreram os assassinatos), demonstra ver na patroa a nova figura de uma mãe ideal. Desiste da vocação religiosa e continua como empregada. Léa vai ser aceita pela Sra. Lancelin dois meses depois da contratação de Christine. A filha da patroa, Genevieve, também exerce fascínio sobre as irmãs, mas Christine admira especialmente sua patroa, por sua elegância, seu modo de se vestir e sua religiosidade. Apesar de tratar as criadas com distância, a Sra. Lancelin tenta fazer com que estas recebam devidamente seu salário, que sempre lhes era tomado pela mãe. A mãe tenta trocá-las novamente de emprego, mas dessa vez não consegue. Sentindo-se protegida em seu novo lar, Christine passa a se referir à patroa como “mãe” quando fala sobre ela com Léa, e um tempo depois, as irmãs

deixam de ir visitar sua mãe biológica. Porém, esta não desiste do contato e continua enviando cartas a Christine – em uma delas, a alerta quanto à “verdadeira” índole da patroa afirmando que ela seria sua inimiga. Será após esses eventos que as irmãs irão à prefeitura pedir proteção por estarem sendo perseguidas, dois anos antes dos homicídios.

Segundo as interpretações de Colette Sepel (1995, p. 85), o estatuto de Léonie Lancelin não consegue, de fato, neutralizar as invasões de Clémence. A mãe encarna o Outro real perseguidor. Por ter de fazer o papel da “criada-filha perfeita”, no dia fatídico dos assassinatos, o simples fato de um ferro de passar roupas apresentar um defeito e impedi-la de finalizar seus trabalhos, faz com que ecloda o surto.

Durante seu interrogatório, Christine afirma que assim se deram os fatos no momento do crime: ela desceu as escadas portando uma vela e tentou explicar a falta de luz e o curto circuito do ferro à patroa. A Sra. Lancelin a pega pelo braço, colocando a mão sobre ela. Falta-lhe com o respeito. O gesto de tocá-la, trata-se de um domínio, de uma imposição de poder intolerável, de que Christine vai liberar-se de forma extrema, radical, feroz. Conclui com a frase: “Acho melhor ter a pele de minhas patroas a que elas tenham a minha e a de minha irmã” (CHOURAQUI-SEPEL, 1995, p. 85).

Vemos, num simples gesto, a patroa passar da posição mãe ideal a Outro invasor, do qual Christine se torna objeto. Com seu ato, Christine se separa da patroa e da irmã. Lacan explica que Léa cometer o mesmo ato pode ser explicado pela forma compartilhada do delírio.

Os delírios a dois estão dentre as formas das psicoses reconhecidas desde há muito. As observações mostram que eles se produzem eletivamente entre parentes próximos, pai e filho, mãe e filha, irmãos e irmãs. Digamos que seu mecanismo depende, em certos casos, da sugestão contingente exercida por um sujeito delirante ativo sobre um sujeito débil passivo. Vamos ver que nossa concepção da paranoia fornece uma noção inteiramente diferente desta e explica de maneira mais satisfatória o paralelismo criminal das duas irmãs. (LACAN, 1933/1987, p.387)

Lacan (1933/1987, p.390) verifica se fazer presente no ato das irmãs uma “necessidade de autopunição, este enorme sentimento de culpa, nem que seja na genuflexão de Christine no desfecho”. A frase a qual se refere é aquela onde Christine diz a seu advogado: "Creio mesmo que numa outra vida eu devia ser o marido de minha

irmã". Haveria entre as irmãs uma paixão narcísica e, ao mesmo tempo, uma agressividade inerente, pelo fato de serem indissociáveis.

Na ansiedade de uma punição iminente, as irmãs associam à imagem de suas patroas a miragem de seu mal. É sua aflição que elas detestam no par que arrebatam numa atroz quadrilha. Elas arrancam os olhos como castravam as Bacantes. A curiosidade sacrílega que constitui a angústia do homem desde as priscas eras, é ela que as anima quando desejam suas vítimas, quando elas acossam em suas feridas hiantes o que Christine mais tarde, perante o juiz, devia chamar em sua inocência, "o mistério da vida" (LACAN, 1933/1987, p.390).

Encontramos na obra de Lazarus-Matet (2004), uma boa colocação para compreendermos como se localizam os duplos e como eles tem lugar no desencadeamento psicótico. Interpreta que as irmãs, ao se apresentam como “as imagens perfeitas a serviço de outras imagens perfeitas”, se sustentam neste “apoio imaginário” (LAZARUS-MATET, 2004, p. 174) e que poderiam seguir estabilizadas nesse laço, caso a ruptura com a mãe não modificasse o equilíbrio. Quando a Sra. Lancelin intervém se opondo à mãe biológica, ela ignora, não pode saber que é imperativo deixar em seu lugar a “relação conflitiva das filhas com a mãe”. A partir daí, irá se operar um deslocamento da Sra. Lancelin de uma posição de imagem ideal, à da mãe, a uma de perseguidora potencial (LAZARUS-MATET, 2004, p. 175).

Vemos então que o crime cometido contra as patroas pode ser compreendido como cumprindo um desejo mútuo de separação entre Christine e Léa. A passagem ao ato não só as põe num lugar ativo de proteção contra o Outro perseguidor, como demonstra a tentativa de se livrar do “mal de ser dois”, nas palavras de Lacan.

Ao estudar a formação do ego com Freud e Lacan, vimos como, através das identificações, sempre carregamos, de alguma forma, os outros dentro de nós. Porém, no caso das irmãs Papin essa presença era real, sem mediação simbólica, e se tornou por demais opressiva conforme a relação imaginária não sustenta mais a estabilidade que vinha sendo mantida. Somado a isso, a impossibilidade de direcionarem a agressividade uma contra outra, por se compreenderem como uma só, faz com que todo o mundo externo se torne ameaçador e passível de agredí-las, ainda que sempre tenham sido bem tratadas pelos que a cercavam.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em termos de conclusão, vemos que o estudo do duplo é bastante rico por ter nos possibilitado investigar questões sobre o desenvolvimento com a teoria do narcisismo e da libido. Tocamos em questões bastante surgidas na clínica ao pesquisar a teoria da angústia, bem como as formulações acerca das identificações, do complexo de Édipo, do objeto *a* e do estranho. Vimos um vasto campo de articulações traçado por Freud a partir da clínica e também da literatura, e como Lacan pode se utilizar delas para dialogar com outros campos de saber e formalizar de modo original os conceitos antes propostos por Freud.

Observou-se também que o modo como Lacan examina a questão do duplo complexifica bastante a pesquisa sobre as psicoses, visto que, ao formular e ainda reformular sua teoria sobre o plano do imaginário, e lançar um novo modo de entender o processo de regressão, vemos que o ego é uma instância dividida e que jamais consegue alcançar a harmonia e totalidade características do que é daquele plano. Vimos que as causas da psicose não se limitam a esse plano, podendo ser somadas as explicações que concernem também o registro do simbólico: na falha da metáfora paterna e da função do falo.

Retomando um pouco o registro do imaginário, sabe-se que, em grande parte, Freud e Lacan se inspiraram no estudo da antropologia acerca dos povos primitivos para construir muito de sua teoria sobre o ego. O homem antigo teria essa tendência a compreender o universo como algo integrado, onde se faria presente uma unidade entre ele próprio e as demais coisas da natureza. Ou seja, de um modo inteiramente distinto do homem moderno, cada vez mais dependente da ciência e em busca de uma verdade a partir da matematização e da articulação significativa. Vê-se que o conceito de regressão ao modo imaginário de pensar poderia estar remetida a esse modo de funcionamento mais arcaico do pensamento, que pode deixar vestígios ainda nos dias atuais (o próprio Freud em *o Ego e o Id* dirá que há uma parte herdada de nossos antepassados em nosso psiquismo que poderia funcionar de acordo com essas lógicas mais antigas, e pensamos que essa parte herdada poderia ser aquela mesma parte inconsciente do ego da qual não lemos muitas formulações a respeito).

Consideramos interessante abordar também nesse capítulo final alguns problemas que não foram mencionados ao longo do desenvolvimento do trabalho, como por exemplo: a contra-indicação de Lacan a aceitarmos pré-psicóticos em análise.

Acontece recebermos pré-psicóticos em análise, e sabemos em que isso dá - isso dá em psicóticos. (...) [a psicose] é desencadeada quando das primeiras sessões de análise um pouco acaloradas, a partir das quais o sentencioso analista se torna rapidamente um emissor que faz ouvir ao analisado durante o dia todo o que deve ou não fazer. (...) Trata-se algumas vezes de um empenho mínimo de tomada de palavra, quando o sujeito vivia até então em seu casulo, como uma traça (Lacan 1955-56: 285).

Se trataria de uma advertência contra um certo tipo de manejo ou uma advertência contra qualquer tipo de tratamento nesses casos? Lacan recuou diante desse problema? Se as psicoses podem ser compensadas pela relação dual, existiria um outro tipo possível de análise que fizesse uso dessa via imaginária sem que necessariamente se contribuísse para um desencadeamento? Não se poderia levar o paciente a outros tipos de estabilização de natureza simbólica utilizando-se juntamente a via do significante?

Sabemos, pela teoria dos discursos (LACAN, 1969) que, em um processo analítico, o analista ocupa lugar do objeto pequeno *a*. Mas poderia ele também localizar o desejo do Outro, circunscrevendo um limite às possíveis invasões sentidas pelo paciente? Isso seria corromper o manejo conforme pensado por Freud e Lacan? Há sempre um risco de se tornar, ele, psicanalista, uma bengala imaginária ou até mesmo o perseguidor? Seguindo as indicações de Freud e Lacan sobre o manejo da transferência, o analista é sempre investido de alguma maneira pelo analisando, que crê que este é dotado de um saber sobre o seu mal. Porém, sabe-se também que o saber deve estar do lado do analisando, especialmente nos casos de psicose.

Com relação à transferência, nesses casos, sabemos que o analista pode facilmente encarnar também o papel de perseguidor em casos de um surto, se ele não manter uma distância segura do analisando. Mas qual é a medida exata desse distanciamento? A posição do analista seria a de um investigador, que também aprende com essa clínica. Sabendo evitar a escuta pelo nível do sentido, que poderia influenciar um desencadeamento, não seria possível fazer ele, a função de ponto de basta para o analisando? Não é possível a produção de um S1 como ponto de enganchamento para barrar o gozo e produzir um ponto de parada?

No caso exposto no capítulo anterior, abordou-se o tratamento de E. por uma analista de formação lacaniana que extraiu da teoria sobre a psicose algo aplicável na clínica. Temos aí um exemplo de sucesso, onde o paciente jamais deu sinais de desencadeamento, pelo contrário. A aposta na análise fez com que analista e analisando trabalhassem juntos em direção a uma solução ainda não produzida, que o manteve estável no laço social, investido em seu tratamento e sem manifestações disruptivas.

Sabemos que a compensação imaginária foi teorizada por Lacan em suas formulações dos anos 50 para elucidar como psicóticos se mantem estabilizados antes do desencadeamento. Apesar dele considerar a compensação imaginária como uma forma de suplência do simbólico pelo imaginário em seu *Seminário As formações do inconsciente (1957-58)*, a chamada clínica das suplências só será teorizada no *Seminário O sinthoma (1975-76)*, que não foi abordado ao longo dessa dissertação.

Nesse seminário, Lacan observa em James Joyce uma maneira de fazer-se um nome sem que este seja atribuído pelo Outro, através da incidência de um nome que produz uma operação simbólica unindo real e imaginário. Nos é indicado que este nome pode ser tanto o Nome do Pai quanto um outro nome que cumpra a função de amarração. Tal solução demonstra possibilidades de manter uma estabilização menos frágil do que a da compensação imaginária, pois o ponto de basta, entendido em seu sentido ampliado, deixa de ser referido apenas à amarração entre significante e significado, como na neurose ou na metáfora delirante, passando a compreender também significante e real na saída pela nomeação.

Em todo caso, achamos relevante pensar que há possibilidade de uma clínica com esse tipo de paciente, nem que seja somente pelos moldes do “secretariado do alienado”, conforme proposto por Lacan em seu *Seminário As psicoses (1955-56)*. Nesta clínica, propõe-se que o analista se coloque na posição de testemunha da relação do sujeito com o Outro, silenciando para dar vazão às construções que o psicótico pode fornecer sobre suas experiências e evitando oferecer elementos que permitam que o analisando o coloque como Outro absoluto. Segundo Soler (1991, p.147), dessa forma, o analista pode dar ao psicótico a possibilidade de estar na presença de um “sujeito suposto não gozar”, podendo representar um vazio onde ele pode colocar o seu testemunho.

Na psicose já desencadeada, a nova ordem criada pela via do delírio é uma invenção do sujeito, não compartilhada com outras pessoas. E se ela não assegura um distanciamento do Outro, colocando o sujeito em segurança quanto à posição de objeto de gozo, a tendência é que a estabilização seja mal sucedida, e novos desencadeamentos voltem a ocorrer (com nova retirada da libido dos objetos externos). O verdadeiro apaziguamento só vem com o que Lacan (1957-58b/1998, p.578) chamará de “solução elegante”, ou seja, uma criação original e singular de sentido, que amarre as relações entre o imaginário, o simbólico e o real

Alguns outros conteúdos abordados abriram questões ao longo da pesquisa, como a dificuldade de delimitar exatamente a barreira do patológico e do não patológico – já antes observada por Freud – na relação com o duplo. Se o eu é uma instância unificadora das pulsões no psiquismo e pode também ser investido, podemos inferir que ele tem para o sujeito o idêntico estatuto de um objeto? Em segundo lugar, por ser o eu estruturado como uma projeção e só poder ser apreendido pelo sujeito a partir de fora, enquanto imagem à qual ele se aliena, e se o duplo aparece também como estranho e familiar, como distinguir na clínica o que é ou não próprio do eu ou do sujeito, o que é ou não possível de ser tomado como da ordem de um delírio ou de uma alucinação? Essas são algumas dificuldades que deverão surgir na clínica ao tratar esses tipos de caso.

Uma outra questão que consideramos pouco explorada, por falta de referências teóricas, foi a participação específica da pulsão de morte nos casos de psicose. Nos casos aqui expostos, poderíamos inferir que Aimée e as Irmãs Papin passam ao ato numa tentativa de se desvencilhar da perseguição sofrida por seus duplos. Nos dois, identificamos a presença de uma figura materna bastante presente, mas pouco é dito com relação às figuras paternas. Talvez esses dados pudessem nos fornecer mais possibilidades de articular a psicose à figura do supereu, que Freud localizou como de onde se originam as pulsões mais hostis, relacionadas à defusão pulsional ocasionada pela regressão. Há que se estudar mais os mecanismos da pulsão de morte e da passagem ao ato para se explorar a fundo as possíveis correlações entre esses conceitos.

Desta questão surge também uma outra acerca da pulsão homossexual como participando da paranoia, mais especificamente. Freud afirmava que o supereu teria em sua origem uma grande quantidade de libido homossexual recalcada quando da saída do complexo de Édipo de um sujeito neurótico. Qual seria o destino dessa libido num sujeito

psicótico, visto que o recalque falha em operar? Sabemos que Freud, no Caso Schreber (1911) afirma que este impulso homossexual é amplamente responsável pela construção delirante e que Lacan explorou também a questão ao tratar do “empuxo ao feminino” presente nas psicoses. Mas fica em aberto como se daria esse processo nos casos de psicose em mulheres, mais especificamente. Nos casos expostos de psicose em mulheres vemos uma presença marcante de duplos também femininos, mas não podemos generalizar daí uma conclusão definitiva quanto à essa questão.

Portanto, ficam lançadas algumas questões a serem investigadas futuramente, onde, quem sabe, as formulações do segundo ensino de Lacan sobre a psicose que não foram utilizadas em nossa pesquisa possam ser bastante úteis. Nesse sentido, pensamos que a articulação do saber psicanalítico com o campo da literatura possa vir a ser também bastante frutífera, visto que tanto Freud como Lacan se utilizaram dela para embasar suas teorias, tornando-as menos obscuras e ilustrando formas de pensar muitas vezes não extraíveis de exemplos clínicos somente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCH, J. (1997) Marguerite ou a Aimée de Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- BAAS, B. (2000) A angústia e a verdade. In: Latusa, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, RJ, Número 4/5, abril de 2000.
- DEUTSCH, H. (1942) Algunas formas de transtorno emocional y su relación con la esquizofrenia. In: Revista de Psicoanálisis, v.25, n.2, 1968.
- DÖR, Joel. (1987) Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1987.
- DUPRÉ, F. – pseudônimo de Jean Allouch (1984) La solution du passage a l'acte - Le double crime des soeurs Papin. Paris: Eres, 1984.
- FREDERICO, Cristina (2008). A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2008.
- FREUD, S. (1894) As neuropsicoses de defesa. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição standard brasileira, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1900-1901) A interpretação dos sonhos. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____ (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*) In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- _____ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- _____ (1915) Luto e Melancolia. In: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- _____ (1917). Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1919) O Estranho. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____ (1923) O ego e o id, In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1926) Inibição, sintoma e angústia. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JULIEN, P. (1996) O estranho gozo do próximo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J. (1932) Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____ (1933) Motivos do crime paranoico: o crime das irmãs Papin. In: Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____ (1953-54) O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____ (1954-55) O Seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____ (1955-56) O Seminário, livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1988.

_____ (1957-58) O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____ (1957-58b) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

_____ (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____ (1962-63) O seminário: Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAURENT, D. (2002) Retour sur la thèse de Lacan: l'avenir d'Aimée. In: Ornicar, (50). Paris, 2002.

LAURENT, E. (1993) Trois énigmes: le sens, la signification, la jouissance. In: Revue de La Cause Freudienne, n. 23. Paris: fev. 1993.

LEADER, D. (2011) O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013

LESSANA, M. M. Entre mere et fille, un ravage. Paris: Fayard, 2010

MARTELLO, Andréa (2000) O real na identificação – um estudo sobre as razões do superego em Freud e Lacan. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2008.

MILLER, J-A. (1996). Lições sobre a apresentação de doentes. In: Matemas I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____ (2002) De la nature de los semblantes. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____ (2005) Introdução à leitura de O Seminário 10 de Jacques Lacan (A angústia). In: Revista Opção lacaniana, n. 43, São Paulo: Opção Lacaniana, 2005.

OGILVIE, Bertrand. (1987) A formação do conceito de sujeito. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

PORTUGAL, Ana Maria. (2006) O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RABINOVICH, D. (1993) *La angustia y el deseo del Otro*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

RANK, O. (1914) *The Double: A psychoanalytic study*. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 1971.

RECALCATI, M. (2003) *Clínica del vacío, Anorexias, dependências, psicosis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

SEPEL, C. C. (1995) *Christine Papin et son chapelet de femmes ideales*. In: *Revue de la Cause freudienne*, 30. Paris, mai. 1995.

SOLER, C. (1991) *Uma estabilização sob transferência*. In: *Estudos clínicos*. Salvador: Ed. Fator, 1991.

SOLER, C. (1997) *A experiência enigmática do psicótico de Schreber à Joyce*. In: *Coletânea de textos de C. Soler*. Seminário Internacional, EBP, Salvador, 1997.

SOLER, C. (2007) *O Inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.